

14 de novembro de 2011.
Nova Província “Graz - Europa Central”

Após um longo período de oração, reflexão e pesquisa as Províncias da Áustria, Hungria e Romênia foram convidadas a se comprometer num caminho de reestruturação, que resultou no nascimento de uma nova Província:

“Graz - Europa Central”.

A celebração aconteceu no domingo 2 de outubro de 2011 na Casa Provincial de Graz (Áustria).

Durante as Vésperas, Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, realizou a instalação da Visitadora e de seu Conselho.

O Padre Patrick Griffin, Diretor geral apresentou o Diretor provincial e o Vice-Diretor.

A proclamação solene desta nova Província aconteceu durante a Eucaristia,

com a presença de duas Irmãs da Província de Colônia - Países Baixos,

Padres Lazaristas

e inúmeras Irmãs vindas das três ex-províncias.

A necessidade de tradução expressava, ao mesmo tempo, a unidade e a diversidade desta nova Província de Graz - Europa Central.

Sumário Novembro - dezembro 2011

Vida Espiritual

- 498 Carta de 26 de novembro de 2011
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 502 Carta do Advento 2011
Padre Gregory Gay, Superior geral
- 507 A hospitalidade e o acolhimento na Bíblia
Padre Patrick Griffin, Diretor geral
- 519 “Partir de Cristo” - Meditação sobre a vida consagrada
Dia de retiro espiritual de fim de ano
Padre Patrick Griffin, Diretor geral

Desafios atuais

Hoje, com os Fundadores

- 534 Província do Peru
A alegria da “Visitação” em nossas vidas
Irmã Reyna e as Irmãs da Comunidade Santa Luísa de Marillac de Cajamarca

Atualidade das Províncias

Testemunho das Irmãs

- 538 Província do Japão
Após o terremoto de 11 de março de 2011: Fundação de apoio às vítimas da catástrofe
Irmã Janet Nunogami, Filha da Caridade
- 544 Província da Sardenha
O Centro de acolhimento São Vicente
Irmã Anna Cogoni, Filha da Caridade

História da Companhia

Fontes e atualidades

- 547 A Encarnação e o Natal com São Vicente
Padre Bernard Koch, cm
- 553 O “puro amor” em São Vicente e Santa Luísa
Padre Bernard Koch, cm

Tabela de índices

- 561 Índice geral 2011

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 26 de novembro de 2011

Minhas queridas Irmãs,

Em preparação às nossas festas comunitárias, no final de novembro: Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, Santa Catarina Labouré e o Aniversário da Companhia; e pensando, igualmente no ano litúrgico que começa, dirijo-lhes esta carta de família para partilhar algumas informações e algumas reflexões.

Certamente, vocês têm acompanhado com inquietude os acontecimentos no Egito e na Síria. No Egito, as manifestações são sentidas, mais particularmente ao norte: em Alexandria, onde temos três comunidades, em Porto Said (uma comunidade) e no Cairo (duas comunidades). Ao sul, o Alto Egito (três comunidades) está, até o presente momento, relativamente poupado da violência. Nossas Irmãs aguardam ansiosamente que a situação política se estabilize e temem que a minoria cristã saia enfraquecida da cruel luta pelo poder que divide o país. Na medida do possível, garantem seus trabalhos habituais, na maioria escolares, mas, por razões de segurança dos alunos, elas tiveram que, circunstancialmente, fechar suas escolas.

Na Síria, onde temos três comunidades, duas em Damasco (um hospital e uma escola) e uma no norte em Tell Arbouche (escola e pastoral), a situação é ainda mais complicada e as opiniões divergem, particularmente na leitura dos recentes acontecimentos. Nossas Irmãs enfrentam as dificuldades atuais e receiam também, pelos cristãos, as consequências de uma mudança política.

Este é um dos inúmeros paradoxos desta primavera árabe, clarão de esperança para os regimes mais democráticos, obscurecida pelas múltiplas incógnitas do futuro. Nossas Irmãs da Tunísia o vivem assim. Quanto àquelas que moravam em Trípoli e tiveram que deixar a Líbia, elas recentemente retornaram para lá, com uma profunda alegria e, em algumas semanas, vão avaliar como retomar seus trabalhos anteriores.

Certamente, vocês também ficaram sensibilizadas com as catástrofes naturais destes últimos meses...na Tailândia, Guatemala, Honduras e no México e pela fome nos países do Chifre da África. Em cada momento, a Companhia ajudou as Irmãs presentes nestes locais, a prestar socorro, utilizando os recursos provenientes da partilha interprovincial. Nossas Irmãs enviaram relatos angustiantes de suas dificuldades, unidas às dos seus irmãos e irmãs atingidos por tragédias deste tipo.

Suas cartas testemunham que trazemos em nossa oração as intenções de nossas Irmãs do Próximo Oriente e do grande Magrebe e que partilhamos igualmente, as das Irmãs comprometidas com os dramas da natureza, da fome ou da violência (como atualmente na Nigéria, México e Haiti...).

Ao longo das minhas recentes viagens, senti fortemente esta preocupação pelas Províncias que atravessam momentos dolorosos, ao dialogar com as Irmãs e ao responder aos seus questionamentos. Em setembro, fui convidada com a Irmã Zofia para o 150º aniversário da chegada das Irmãs à Eslováquia; no início de outubro em Graz, o Padre Patrick, a Irmã Christa e eu participamos do estabelecimento da nova Província de Graz-Europa central, nascida do reagrupamento das Províncias da Áustria, Hungria e Romênia. Em seguida, alguns dias mais tarde, ainda com a Irmã Christa, respondi ao convite das Irmãs da Caridade de Estrasburgo, por ocasião da Assembleia geral anual da Federação das Irmãs da Caridade, membro da Família Vicentina. Esta Federação reagrupa atualmente 14 Congregações na Alemanha, Áustria (com comunidades na Tanzânia e no Peru), Itália, Coreia e Índia. Enfim, ainda no mês de outubro, fui ao Brasil com a Irmã Marlene visitar, pela primeira vez, a Província de Belo Horizonte e entre outros, os lugares onde há 162 anos a Companhia começou no Brasil.

Recentemente, fui à Grécia com a Irmã Françoise e me encontrei com as duas comunidades de Atenas e a da Ilha de Siro. Ficamos admiradas como as Irmãs amparam a população local e os imigrantes neste tempo de crise econômica, especialmente aguda e duplicada por uma crise de confiança.

É justamente esta crise, da qual se fala e se reflete tanto na Europa como no mundo inteiro, que esteve no centro de minha preparação para as nossas festas de novembro e para este novo Advento.

Primeiro, eu a li como um apelo para uma oração mais fervorosa e um apelo à confiança em Maria, em união com a festa de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa.

Todos nós sabemos que o acontecimento de 27 de novembro de 1830, sobre o qual a Irmã Catarina Labouré confia o relato ao seu confessor, faz de nossa Capela na rua du Bac, um dos altos lugares espirituais de Paris e do mundo. Fez da medalha com a inscrição: “Ó Maria concebida sem pecado” um instrumento de múltiplas graças, que as Irmãs que estão atualmente servindo na Capela, testemunham diariamente. Releiamos a cândida narrativa de nossa Irmã Catarina:

“Tinha também uma esfera em suas mãos representando o globo terrestre...Seu rosto era magnificamente belo... E depois, de repente, percebi nos seus dedos, anéis revestidos de pedras, umas mais belas que as outras....Nesse momento formou-se um quadro em torno da Santíssima

Virgem, um pouco oval, onde havia no alto estas palavras escritas em letras de ouro: “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós”. Então uma voz se fez ouvir, que me disse : “Fazei cunhar uma medalha com este modelo. Todas as pessoas que a usarem, trazendo-a ao pescoço, receberão grandes graças. As graças serão abundantes para aqueles que a usarem com confiança. Neste instante o quadro pareceu virar-se e pude contemplar o reverso da Medalha sobre o qual estava gravado o monograma da Santíssima Virgem, composto pela letra M, encimada por uma cruz, tendo um traço na sua base. Abaixo da letra M, dois corações, um do lado do outro, eram os sagrados Corações de Jesus e de Maria”.

Esta graça concedida a Santa Catarina, e a cada uma de nós, faz eco a devoção marial de Santa Luísa, fruto de um pensamento mais teológico e expressão de uma confiança não menos viva.

“Devemos, pois, honrar esta Santa Conceção que a faz tão preciosa aos olhos de Deus e crer que só de nós depende o ser-nos ajudados pela Santíssima Virgem em todas as nossas necessidades, porque me parece impossível que a Bondade de Deus lhe negue alguma coisa” (E.106 (A.31bis) pág.954).

Que a festa de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa e a de Santa Catarina Labouré reacenda nossa devoção marial e nossa responsabilidade de promovê-la! (C. 15, C. 23, Estatuto7 e Estatuto14).

Esta crise (cuja etimologia grega relaciona à palavra discernimento) econômica, financeira, política e moral nos remete igualmente ao nosso Documento Interassembleias e aos seus apelos ao discernimento pessoal e comunitário para estabelecer *escolhas concretas para um estilo de vida simples e uma maior aproximação com os pobres, para elaborar projetos de prioridades missionárias, para responder de maneira nova aos apelos do mundo dos pobres de hoje* (cf. pág19-27). Esta crise ressoa como um forte apelo *para nos aproximarmos deste mundo com a sensibilidade de nossos fundadores que viam, no mais vulnerável, o preferido* (cf. D.I.A. pág. 7). Este convite para nos deixarmos transformar pelo Espírito me impele igualmente a evocar as primeiras entre nós que seguiram este apelo para viver na radicalidade evangélica, a condição de servas de Cristo nos pobres, ao lado de Santa Luísa em 29 de novembro de 1633. Peçamos ao Senhor, no dia do aniversário da nossa Fundação, a mesma coragem e o mesmo ardor!

Que a Virgem Maria, estrela do Advento, nova Arca da aliança, vele sobre sua Companhia! Com a certeza de minhas orações e minha afetuosa devoção.

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

PADRE GREGORY GAY, SUPERIOR GERAL

Advento 2011

A todos os membros da Família vicentina,

“A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam” João 1,5

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo preencha os seus corações agora e para sempre!

A citação Bíblica acima, do Evangelho de São João, convém para começarmos nossa meditação do Tempo do Advento. Este período do ano é o momento onde muitos, no mundo, passam de longos dias ensolarados a dias mais curtos e mais escuros. O fim do ano se aproxima, e nos oferece uma pausa para refletir não somente o que se passou, mas também o que nos espera. A

realidade desta mudança é palpável tanto no tempo que passa através dos dias do calendário, como também no que vivemos no mais profundo de nós, em nossos corações.

Acredito que esta é a razão pela qual a Igreja nos concede este tempo do Advento: este tempo de mudança lembra-nos a fidelidade do amor de Deus. Através da Encarnação de Jesus, Deus nos assegura sua constante presença em nosso mundo. Em Jesus, temos um Deus que nos acompanha sempre, tanto nos momentos de luz como nos momentos de trevas, tanto no centro de nossas vidas como em suas fronteiras incertas. No entanto, é frequentemente nas fronteiras, nos “limites externos” de nossa vida, que o Senhor se revela a nós.

As narrativas do Advento nos mostram vidas vividas nas fronteiras : a surpreendente anunciação feita à Maria para ser a mãe do Senhor ; a nobre luta de José para aceitar esta impressionante realidade ; o nascimento de Jesus na simplicidade de um estábulo ; a humilde homenagem dos pastores ; o desenraizamento repentino da Sagrada Família para escapar da cólera e das mãos de Herodes; todas estas narrativas do Advento nos mostram um Deus, que, centrado no amor trinitário, “aniquilou-se a si mesmo” (Fl 2, 7), tornando-se homem. Escolhendo viver nas fronteiras, Jesus nos faz entrar no Reino de Deus e nos aproxima paradoxalmente do coração do amor de Deus.

Como Superior geral, tenho o privilégio e a responsabilidade de visitar meus coirmãos Lazaristas, as Filhas da Caridade e os membros da Família Vicentina Internacional para propagar o carisma de São Vicente de Paulo. Ao fazer isso, ofereço o meu apoio e o meu encorajamento àquelas e àqueles que deixaram a segurança e a estabilidade de seu mundo para ir às fronteiras e aos limites exteriores servir os pobres. Estou edificado com muitos dos meus coirmãos, muitas Filhas da Caridade e membros da Família Vicentina que penetram corajosamente nos cantos escuros de nosso mundo para iluminá-los com a luz do Cristo. Permitam-me partilhar alguns exemplos da maneira como eles vivem seu caminho até o Advento de luz e de esperança.

Na República do Chade, um dos países mais pobres da África, as Filhas da Caridade da Espanha trabalham com os Lazaristas dos Camarões, de Madagascar e do Quênia, servindo em uma região rural afastada, sem nenhuma presença da Igreja. Sua “igreja missão” é um estrado de madeira coberto com uma tenda improvisada, protegida por grandes mangueiras. Nesta região esquecida, eles levam Jesus e o nosso carisma às pessoas para apaziguar a fome e saciar a sede através da Palavra de Deus e a caridade de Cristo.

No Reino Unido, encontrei os “Vicentinos em Parceria”, uma associação de prestadores de serviços para os pobres, constituída por dez organismos centrais e treze grupos integrantes. Nós rezamos, refletimos e discutimos os meios para adequar e comunicar o carisma vicentino de amor a Deus e do serviço dos pobres. Eles trabalham nas cidades com os pobres, jovens desabrigados, doentes mentais e toxicômanos; em suma, com aquelas e aqueles que vivem à margem da sociedade. Sua proximidade para cuidar destas pessoas e manifestar-lhes a compaixão vai além de suas fronteiras, chegando até na Irlanda, no Leste Europeu e nos Estados Unidos. Aqui está o endereço do site que relata sua história: <http://www.vip-gb.org>

Após um voo de oito horas saindo de Moscou, cheguei à Magadan na Rússia, um lugar que geograficamente parece ser o fim do mundo. Esta missão é realizada por Filhas da Caridade vindas dos Estados Unidos e da Polônia. Ao chegar em Magadan, fui transportado para o mundo esquecido dos campos de prisioneiros e encontrei pessoas que, por décadas, foram objetos de tratamentos desumanos. Na época de Stalin, Magadan era a destinação final de centenas de milhares de cidadãos soviéticos, rotulados como “inimigos do povo”.

As Filhas da Caridade acompanham os sobreviventes que são denominados “os reprimidos” dos campos de prisioneiros e participam de sua recuperação ajudando-os a “recontar suas histórias”. Com a presença da única Igreja Católica da região, estes ex-prisioneiros têm agora uma comunidade de fé acolhedora. A beleza da Igreja da Natividade, com sua capela dos mártires, reverencia o número incalculável e jamais revelado de pessoas que pereceram nos campos de prisioneiros e as histórias vivenciadas por aqueles que sobreviveram. Vocês podem conhecer esta Igreja através do site: <http://magadancatholic.org>

Cada uma destas três experiências – no Chade, com os “Vicentinos em Parceira” e em Magadan - têm um lugar em meu coração neste tempo em que celebramos o Advento. Elas nos lembram que a luz do Cristo venceu as trevas de um mundo repleto de pecado e de sofrimento. Os quatro Evangelhos do domingo do Advento nos ajudam a centrar nossa atenção sobre o que é essencial para sermos discípulos no seguimento do Cristo : “vigiar na espera do Cristo” (Mc 13, 33), “preparar o caminho do Senhor” (Mc 1, 2); confiantes que “nada é impossível para Deus” (Lc 1, 37) e “dar testemunho da luz” (Jo 1, 7). Juntas, estas passagens evangélicas nos dão uma receita para colocar nossa fé em ação ao longo de todo o ano.

Este caminho do Advento feito de vigilância, de entusiasmo e de confiança que testemunha a fé evangélica foi o pivô da vida de São Vicente de Paulo, que encontrou o Cristo lá, onde ele menos o esperava: nas fronteiras, nos “limites externos” de sua vida. Nestas duas experiências bases de conversão: escutando a confissão de um homem doente e exortando com sucesso seus paroquianos para dar alimento e medicamentos a uma família extremamente doente; conduziram Vicente ao Cristo nos pobres. Uma vez que ele entrou neste mundo dos pobres, sua vida foi transformada. A partir desse momento, ele se organizou e inspirou aos seus discípulos a fazerem o mesmo:

“Não detenhais a vossa vista naquilo que vós sois, mas olhai Nosso Senhor, junto a vós e em vós, pronto para pôr mãos à obra tão logo recorráis a Ele; e vereis que tudo irá bem” (SV, Coste III, a Luís Rivet, padre da Missão, em Richelieu, em 19 de Dezembro de 1646, p. 133).

Preparando o nosso coração e nossa casa para a vinda do Senhor no Natal, deixemos as palavras de Jesus e o carisma de São Vicente de Paulo ressoar mais profundamente em nossos corações e em nossas vidas. As narrativas do Advento e do Natal nos lembram de uma maneira impressionante Aquele que nasceu, viveu e morreu nas fronteiras. O Evangelho de João nos lembra de forma muito comovente que Jesus “veio para o que era seu, mas os seus não o receberam” (Jo 1,11). Isto é verdade para a Sagrada Família, muitas vezes representada em quadros e imagens piedosos como calma e serena, ela seguiu, na realidade, o caminho dos refugiados, pobres e errantes.

Esta triste realidade continua até hoje. O Cristo que era pobre, viveu entre os pobres que possuíam apenas as roupas do corpo, que não tinham nem alimento, nem abrigo e eram privados da dignidade humana. Portanto, como São Vicente diz, os pobres possuem a “verdadeira fé”, como podemos constatar em sua confiança inabalável e constante em Deus. Suas vidas e aquelas dos membros da Família vicentina que os acompanham nos falam diariamente do Advento da esperança.

Durante estas semanas do Advento, sugiro que cada um de nós reserve tempo, frente a nossa intensa programação, para meditar sobre a Escritura e a vida de São Vicente, para que sejamos discípulos de Jesus “vigilantes, entusiastas, confiantes e que testemunham” o que é fundamental para nossa vocação, como membros da Família Vicentina. Ao reservar tempo para encontrar o Senhor na oração, na Escritura e na Eucaristia, teremos a coragem, como o fez São Vicente, de pedir ao Senhor que nos encaminhe para os pobres, que passam muitas vezes

desapercebidos na margem de nossas vidas. Agindo assim entraremos em solidariedade com eles, como nossos Irmãos e Irmãs em Cristo.

Permitam-me concluir com uma imagem profunda e apropriada para o Advento. Como lhes disse anteriormente, a Igreja da Natividade em Magadan oferece uma comunidade de cura e de esperança para os ex-prisioneiros do campo soviético e para os pobres. Esta pequena Igreja é um colírio para os olhos, com sua capela dos mártires, simbólica e surpreendente, suas estações da via-sacra, seus vitrais impressionantes e sua iconografia são tão marcantes que não se pode esquecer. No entanto, o ícone da Natividade (que está impresso no começo desta carta) acima do altar é o que mais impressiona quando se entra na Igreja. O lugar onde está colocado é, sem dúvida, o mais apropriado do ponto de vista litúrgico.

Mas, para mim, este ícone representa muito mais. Ele nos mostra como o nosso ser de discípulo com Jesus e o carisma vicentino testemunham o poder e a presença de Deus em nosso mundo atual. Apesar do passado mortal de Magadan, o ícone e a Igreja da Natividade confirmam que o Cristo nasce novamente. A Igreja da Natividade e todas as obras da Família Vicentina Internacional são para nós recordações vivas e quotidianas que *“a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam”*.

Que o Senhor nasça novamente em vocês neste Natal e os abençoe neste ano que se aproxima!

Seu Irmão em São Vicente

Padre Gregory Gay, cm
Superior geral

PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL

A hospitalidade e o acolhimento na Bíblia

Conferência dada aos membros do serviço de acolhimento da Capela da Medalha Milagrosa.

A importância da hospitalidade nas culturas que deram origem à nossa Bíblia judeu-cristã é significativa. Num contexto onde os recursos eram limitados, onde as pessoas eram dependentes umas das outras por uma questão de sobrevivência (especialmente quando viajavam), a hospitalidade e o acolhimento ao estrangeiro eram essenciais nas relações humanas e que são destacados em muitos relatos bíblicos. Para começar, vejamos a viúva de Sarepta que acolhe Elias e lhe oferece o que lhe resta de pão (1Reis 17,9-16):

“Põe-te a caminho, vai para Sarepta, na Sidônia, e fica morando ali, pois ordenarei a uma viúva desse lugar que te dê sustento”. Elias pôs-se a caminho para Sarepta. Chegando à porta da cidade, viu uma viúva que ajuntava lenha. Chamou-a e disse-lhe: ‘Por favor, vai buscar-me um pouco de água numa vasilha para que eu beba’. E indo ela buscar-lhe a água, gritou-lhe Elias: ‘Traze-me também um pedaço de pão’. Ela respondeu: ‘Juro, pela vida do Senhor, teu Deus, que não tenho pão. Tenho somente um punhado de farinha numa vasilha e um pouco de azeite na jarra. Eu estava apanhando dois pedaços de lenha, a fim de preparar esse resto para mim e meu filho, para comermos e depois esperarmos a morte’. Elias replicou: ‘Não temas, vai e faz como disseste, mas primeiro, prepara-me com isso um pãozinho e traze-o; depois prepararás o resto para ti e teu filho. Pois, assim diz o Senhor, Deus de Israel: ‘a vasilha de farinha não acabará e a jarra de azeite não diminuirá, até o dia em que o Senhor enviar a chuva sobre a face da terra’. A mulher foi e fez como Elias lhe tinha ordenado. E comeram, ele, ela e sua casa, durante muito tempo. A

farinha da vasilha não acabou, nem diminuiu o óleo da jarra, conforme o que o Senhor tinha dito por meio de Elias”.

Este simples gesto de hospitalidade é recompensado com a bênção do Senhor. O povo de Israel compreendeu e valorizou este gesto. Nós também, sabemos que acolher aqueles que vêm até nós, estrangeiros ou outros, agrada a Deus.

Quero me concentrar na hospitalidade como valor bíblico, cuja importância, é destacada em muitos relatos bíblicos. Hoje, concentraremos nossa atenção sobre duas características da hospitalidade. A primeira: acolher o estrangeiro, é acolher o Senhor; a segunda: o acolhimento que oferecemos deve brotar da riqueza do nosso coração.

1. ACOLHER O ESTRANGEIRO - ACOLHER O SENHOR

A Carta aos Hebreus nos oferece um magnífico incentivo que poderá tornar-se um lema para o nosso serviço de hospitalidade.

“Não descuides da hospitalidade, pois, sem o saber, alguns recebem anjos” (Hb 13,2).

Diversas passagens na Bíblia ilustram esta revelação onde pessoas receberam anjos sem o saber. Um dos mais conhecidos é o encontro do Senhor com Abraão:

“O Senhor apareceu a Abraão junto ao carvalho de Mambré, quando ele estava sentado à entrada de sua tenda, no maior calor do dia. Abraão levantou os olhos e viu três homens de pé diante dele. Assim que os viu, saiu correndo ao seu encontro e prostrou-se por terra e disse: ‘Senhor, se encontrei graça diante de vossos olhos, não passeis avante sem vos deterdes em casa de vosso servo. Vou buscar um pouco de água para vos lavar os pés. Descansai um pouco sob esta árvore. Vos trarei um pouco de pão, e assim restaurareis as vossas forças para prosseguirdes o vosso caminho; porque é para isso que passastes perto de vosso servo’. Eles responderam: ‘Faze como disseste’”(Gn 18, 1-5).

Abraão e Sara acolhem estes estrangeiros que se revelam anjos. O Senhor os abençoou e lhes deu um filho. Este texto enfatiza a importância de acolher estes estrangeiros: através deles, é o Senhor que é acolhido.

Este texto bíblico do acolhimento é imediatamente colocado em oposição com o fato de que estes estrangeiros continuam seu caminho até Sodoma e Gomorra. Porém, os habitantes destas cidades pecadoras querem pervertê-los. Somente Ló, sobrinho de Abraão, os protege. Consequentemente as cidades de Sodoma e Gomorra foram destruídas, mas Ló e sua família são preservados (Gn.19).

Outras passagens sobre a hospitalidade são mencionadas no Antigo Testamento. Quando Deus deu a Lei ao povo, através de Moisés, este o instruiu nestes termos:

“Porque o Senhor, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos Senhores, o Deus grande, poderoso e terrível, que não faz distinção de pessoas, nem aceita presentes. Ele faz justiça ao órfão e a viúva, e ama o estrangeiro, ao qual dá alimento e vestuário. Também vós, amai o estrangeiro, porque fostes estrangeiros no Egito” (Dt. 10, 17-19).

No Novo Testamento, numerosos textos destacam o acolhimento ao estrangeiro como sendo um acolhimento do Senhor. Por exemplo: o relato da viagem da Sagrada Família quando não encontra lugar na hospedaria. Trata-se de Maria e José como estrangeiros. Da mesma forma,

quando Jesus ressuscitado se reúne com os discípulos de Emaús, eles O reconhecem somente como estrangeiro, mas depois, convidam-Lo para sentar-se e comer com eles. Então, reconhecem Jesus no “partir do Pão”. Hoje, na Igreja, na mesa eucarística, os estrangeiros são bem-vindos e a comunidade torna-se uma família.

O encontro de Jesus com a Samaritana, junto ao poço, sugere esta noção de hospitalidade e a maneira de acolher o Senhor em nossa vida.

“Jesus, devia passar por Samaria. Chegou pois, a uma localidade da Samaria, chamada Sicar, junto das terras que Jacó dera a seu filho, José. Ali, havia o poço de Jacó. E Jesus, fatigado da viagem, sentou-se à beira do poço. Era por volta do meio-dia. Veio uma mulher da Samaria tirar água. Jesus lhe disse: “Dá-me de beber. Pois os discípulos tinham ido à cidade comprar mantimentos. Aquela samaritana lhe disse: Sendo tu Judeu, como pedes de beber a mim, que sou samaritana!... (Pois os judeus não se comunicavam com os samaritanos. Respondeu-lhe Jesus: Se conhecesses o dom de Deus, e quem é que te diz: Dá-me de beber, certamente lhe pedirias tu mesma e ele te daria uma água viva” (Jo 4, 4-10).

Jesus pede um sinal de hospitalidade e de acolhimento: um simples copo de água. A mulher resiste, em razão dos seus preconceitos culturais e fica surpresa que Jesus não partilha deles. Isto permite a Jesus dar início a conversa que a conduz à conversão e à transformação de sua vida. Em Jesus, ela reconhece o enviado de Deus. A hospitalidade e o acolhimento do estrangeiro conduzem à conversão e à salvação. Como a Samaritana consegue reconhecer quem é Jesus, podemos escutar esta boa notícia e reconhecer o Deus que vem até nós, através do outro. Esta passagem nos encoraja a tomar consciência de nossas reticências ou de nossas negligências, em oferecer a hospitalidade ao outro. Através do outro, Deus nos abre a sua presença.

Mateus 25 continua este tema com a passagem do juízo final. Vejamos a maneira como ela é construída:

“Quando o filho do Homem voltar na sua glória e todos os anjos com ele, sentar-se-á no seu trono glorioso. Todas as nações se reunirão diante dele e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então, o Rei dirá aos que estão à direita. ‘Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo, porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim. Perguntar-lhe-ão os justos: - Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nu e te vestimos? Quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e te fomos visitar?” (Mt 25, 31-39).

O acolhimento que somos convidados a dar é simples: fundamentalmente, trata-se de afirmar o valor da pessoa, mesmo se nas ações caritativas, o Senhor acolhido não é reconhecido, como se observa na passagem sobre as ovelhas que são acolhidas e os cabritos que não o são.

Uma história do judaísmo chassídico ilustra bem uma parte desta verdade:

“Certo dia, um rabino idoso e sábio perguntou aos seus alunos: ‘De que maneira podem me dizer que a noite terminou e o dia está aparecendo?’. Um deles, lhe respondeu: ‘Quando podemos ver claramente que o animal distante é um carneiro e não um cachorro’. ‘Não’, respondeu o rabino.

Um outro disse: ‘Poderia ser quando se pode dizer se a árvore do outro lado do campo produz figos ou pêssegos?’ De novo o rabino respondeu: ‘Não’. Os alunos, impacientes,

perguntaram: 'Bem, então, qual é a resposta?' 'É quando você pode olhar para o rosto de um estrangeiro e ver um amigo. Porque enquanto for incapaz de fazer isso, ainda é noite.'

O serviço da hospitalidade nos convida a reconhecer que ao acolher o estrangeiro, acolhemos o Senhor e aquele que é amado pelo Senhor.

As pessoas vêm à capela da Medalha Milagrosa por inúmeras razões: algumas em razão de sua fé profunda ou da escolha que Deus fez de Maria, outros impulsionados pela curiosidade ou um passeio turístico. Como membros do serviço de acolhimento da Capela somos convidados a acolher as pessoas, independente de suas motivações. Nossa fé no que fazemos e no lugar que estamos pode influenciá-los. Algumas pessoas que são acolhidas são pobres ou tímidas, outras têm uma boa situação e se expressam com facilidade. Nossa tarefa consiste em acolhê-los com toda dignidade e com a mesma atenção e consideração para com aqueles que nos parecem estar menos à vontade. Somos todos filhos do mesmo Pai e nosso acolhimento deve refletir esta convicção. Maria é a Mãe de todos os homens, o estrangeiro deve ser reconhecido como um de seus filhos.

2. UM ACOLHIMENTO QUE BROTA DO CORAÇÃO: A CARACTERÍSTICA DA HOSPITALIDADE

Uma das passagens mais impressionantes e mais concretas na Bíblia mostrando Jesus estabelecendo relações aconteceu durante a prática da hospitalidade. Quando Jesus está na casa de um fariseu, Simão, uma mulher pecadora aparece:

“Mas a sabedoria foi justificada por todos os seus filhos. Um fariseu convidou Jesus a ir comer com ele. Jesus entrou na casa dele e pôs-se à mesa. Uma mulher pecadora da cidade, quando soube que estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro cheio de perfume; e, estando a seus pés, por detrás dele, começou a chorar. Pouco depois suas lágrimas banhavam os pés do Senhor e ela os enxugava com os cabelos, beijava-os e os ungiu com o perfume. Ao presenciar isto, o fariseu, que o tinha convidado, dizia consigo mesmo: Se este homem fosse profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que o toca, pois é pecadora. Então Jesus lhe disse: Simão, tenho uma coisa a dizer-te. Fala, Mestre, disse ele. Um credor tinha dois devedores: um lhe devia quinhentos denários e o outro, cinquenta. Não tendo eles com que pagar, perdoou a ambos a sua dívida. Qual deles o amará mais? Simão respondeu: A meu ver, aquele a quem ele mais perdoou. Jesus replicou-lhe: Julgaste bem. E voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para lavar os pés; mas esta, com as suas lágrimas, regou-me os pés e enxugou-os com os seus cabelos. Não me deste o ósculo; mas esta, desde que entrou, não cessou de beijar-me os pés. Não me ungiu a cabeça com óleo; mas esta, com perfume, ungiu-me os pés. Por isso te digo: seus numerosos pecados lhe foram perdoados, porque ela tem demonstrado muito amor. Mas ao que pouco se perdoa, pouco ama” (Lc 7, 36-47)

Esta passagem nos mostra até onde pode ir a hospitalidade de uma pessoa para acolher a cultura que é a sua. Isto pode começar por um beijo de boas vindas, sinal íntimo de respeito e afeição. Em seguida, lhe oferecer água para lavar os pés. Na cultura da época, as pessoas tinham o hábito de caminhar de sandálias por caminhos empoeirados, era normal lhe propor lavar os pés. Enfim, colocar a disposição os perfumes e os bálsamos era portanto uma bênção. Para aumentar o prazer do encontro, derramava-se um pouco de perfume sobre a cabeça do convidado. (Lembremos a hospitalidade generosa vivida na mesa no versículo 5 do Salmo 22: “Derramais o perfume sobre minha cabeça, e transborda minha taça”) Um beijo, um pouco de água e de perfume fazem parte dos ritos de acolhimento. No evangelho Jesus chama a atenção de seu anfitrião, Simão, porque ele não foi beneficiado por estes ritos. Jesus pode, portanto, interrogar-se sobre a qualidade do acolhimento de Simão.

Por outro lado, a mulher pecadora cuida de Jesus de maneira exemplar : ela lhe lava os pés com suas lágrimas e os seca com seus cabelos, beija, não o rosto, mas os pés, pois não se sentia digna de beijar sua face, perfuma seus pés, não somente com algumas gotas (como pedia a hospitalidade) mas derrama todo o frasco, manifestando através destes atos que ela acolhia Jesus no mais profundo de sua vida. Seu estado de pecadora tinha-lhe excluído da vida pública e portanto, de Jesus. Sua generosidade de coração lhe permitiu realizar ações que significam seu desejo de perdão, de cura e de acolhimento.

Esta manifestação de hospitalidade rompe todas as barreiras que poderiam existir e esta mulher fará parte daqueles que acompanharão fielmente a Jesus.

Vindo do mundo inteiro, as pessoas que aqui chegam, nesta capela, nem sempre conhecem a origem desta peregrinação. Alguns vêm aqui por curiosidade, como os pagãos que queriam ver Jesus, outros como a pecadora em busca do perdão, outros cheios de fé e de esperança, outros para agradecer.

Nossa missão consiste em permitir-lhes que sintam-se acolhidos. As características do acolhimento descritas no Evangelho são um exemplo da maneira de acolher. Não estou dizendo que devemos beijar cada peregrino, nem lavar-lhes os pés e perfumar-lhe a cabeça, mas cada uma dessas ações sugere uma atitude que pode caracterizar nosso acolhimento.

a) Um “beijo na face” : um acolhimento personalizado

O significado simbólico deste “beijo” é que nosso acolhimento deve ser personalizado, brotar do coração para acolher as pessoas em nossa vida. Não é suficiente, indicar apenas o lugar e fornecer um panfleto, devemos dar também uma atenção particular à pessoa.

O Evangelho nos oferece uma outra passagem interessante:

“Estando Jesus em viagem, entrou numa aldeia, onde uma mulher, chamada Marta, o recebeu em sua casa. Tinha ela uma irmã por nome Maria, que se assentou aos pés do Senhor para ouvi-lo falar. Marta, toda preocupada na lida da casa, veio a Jesus e disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe só a servir? Dize-lhe que me ajude. Respondeu-lhe o Senhor: Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitas coisas; no entanto, uma só coisa é necessária; Maria escolheu a boa parte, que lhe não será tirada” (Lc 10, 38-42).

Marta e Maria têm uma maneira de acolher Jesus. Marta o faz a partir de suas responsabilidades concretas de dona de casa. Maria o faz permanecendo atenta à sua presença : sentada perto dele, escuta-o: oferece-lhe uma relação pessoal. Jesus aprecia as duas maneiras de fazer. O que Marta faz é importante, no entanto, não é mais importante que dar atenção ao próprio Jesus.

As cartas do Novo Testamento falam de um “beijo na face” que deseja as boas vindas aos membros da comunidade cristã, gesto de acolhimento comum na comunidade cristã. Observemos a maneira como Paulo incentiva sua comunidade a acolher uns aos outros “por um beijo santo” (1Cor 16, 20; 2Cor 13, 12 ; 1Ts 5, 26 ; e também 1Pd 5, 14), maneira simbólica, sinal de boas vindas, através do qual, os cristãos manifestam sua estima uns pelos outros.

b) “Lavar os pés”: convite para permanecer e rezar.

Quando as pessoas chegam aqui, algumas vêm de longe e podem estar cansadas e mesmo irritadas com a longa viagem. O lavar os pés sugere que sua peregrinação terminou e que, tendo chegado ao seu destino elas podem descansar.

É importante que eles sejam bem acolhidos e sintam-se “em casa”, nesta capela onde desejamos que eles se sintam bem a vontade e encontrem a presença de Deus. Este lugar é deles. Aqui eles podem depositar seus fardos, permanecer e rezar conosco.

Observemos a maneira como Jesus está bastante atento às necessidades daqueles que o procuram para escutá-lo e ser curado. Um dia, ele convida a multidão para sentar-se confortavelmente e pede aos discípulos para alimentá-los, afim de que eles possam continuar sua caminhada. Um outro exemplo é aquele da mulher que tem hemorragias. Jesus se preocupa com todos aqueles que vêm à Ele.

“Ora, havia ali uma mulher que já por doze anos padecia de um fluxo de sangue. Sofrera muito nas mãos de vários médicos, gastando tudo o que possuía, sem achar nenhum alívio; pelo contrário, piorava cada vez mais. Tendo ela ouvido falar de Jesus, veio por detrás, entre a multidão, e tocou-lhe no manto. Dizia ela consigo: Se tocar, ainda que seja na orla do seu manto, estarei curada. Ora, no mesmo instante se lhe estancou a fonte de sangue, e ela teve a sensação de estar curada. Jesus percebeu imediatamente que saíra dele uma força e, voltando-se para o povo, perguntou: Quem tocou minhas vestes? Responderam-lhe os seus discípulos: Vês que a multidão te comprime e perguntas: Quem me tocou? E ele olhava ao redor para ver quem o fizera. Ora, a mulher, atemorizada e trêmula, sabendo o que nela se tinha passado, veio lançar-se-lhe aos pés e contou-lhe toda a verdade. Mas ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou. Vai em paz e sê curada do teu mal” (Mc 5, 25-34).

Aproximar-se e tocar em Jesus não é um gesto indiferente. Percebe-se que Jesus quer ter uma relação pessoal com esta mulher e, portanto, conceder-lhe um pouco de tempo para dialogar. Ele lhe dá toda sua atenção, quer que ela descubra sua dignidade, que ela fica à vontade com ele e possa aceitar a cura que Ele quer lhe oferecer. Ela se aproxima dele, com medo e trêmula, mas Ele a tranquiliza dizendo-lhe: “Minha filha” e a envia: “Vá em paz”.

A exemplo de Jesus, podemos nos aproximar dos outros, tanto no sentido literal quanto no sentido figurado. Muitas vezes na Bíblia, diz-se que Jesus se aproxima para tocar em alguém que está isolado da comunidade seja por causa de doença, da diferença de religião ou do pecado. Ele quer que o outro saiba que é beneficiado de sua atenção e de seu apoio. Mostra-lhe isto, aproximando-se literalmente dele e aceitando ser tocado. Ele quer que cada um fique bem a vontade com e próximo dele. Todos são bem vindos à sua presença.

c) “A unção com óleo”: um acolhimento alegre

Já falamos da maneira como o óleo perfumado podia ser utilizado para acolher uma pessoa em sua casa. Este bálsamo não somente torna mais agradável o ar que envolve o convidado mas dá um aroma agradável em todo o ambiente e um aroma de alegria ao encontro.

Os peregrinos que vêm a esta capela fazem parte de uma comunidade cristã de maior extensão e dimensão e vindo aqui, eles chegam a um lugar onde se sentem em sua própria casa. Que nosso acolhimento alegre faça com que eles percebem que são importantes para a Igreja. Ninguém deve ter um status privilegiado, porém, os mais pobres devem ser acolhidos com muita atenção.

Em suas cartas, Paulo afirma a alegria que sentia em suas relações com suas comunidades e desejava que elas experimentassem a proximidade com o Senhor, através de sua presença. Por exemplo: quando ele dirige-se aos Filipenses e portanto, a nós hoje:

“Seja conhecida de todos os homens a vossa bondade. O Senhor está próximo. Não vos inquieteis com nada! Em todas as circunstâncias apresentai a Deus as vossas preocupações, mediante a oração, as súplicas e a ação de graças” (Fl 4, 5-6).

Quando pessoas vem até nós, devem perceber nossa alegria: a alegria que vem do fato de que somos felizes em nossa vocação; a alegria que vem de nossa confiança de que este lugar é um lugar sagrado, onde o Senhor está presente, e do nosso entusiasmo em acolhê-los entre nós.

d) Um acolhimento que conduz à cura e à reconciliação.

O mais importante é que nosso acolhimento contenha um convite para ser curado e para se aproximar de Deus. É o que a mulher pecadora experimente no fim de seu encontro com Jesus, é o que Ele lhe dá e o que ela queria receber: o perdão e a oportunidade de mudar de vida. É o grande dom que Jesus faz à esta mulher quando ela O acolhe em sua vida.

Não seria maravilhoso para nós de difundir este mesmo convite às pessoas que vêm aqui? Se podemos lhes oferecer a oportunidade de serem perdoados de seus pecados, de mudar de vida, de se aproximar de Deus! No acolhimento que oferecemos, podemos incluir estes elementos importantes ? Que tipo de luz tudo isto pode ser para estas pessoas! Cabe a nós fazermos a proposta de aproximar-se do Senhor, graças ao Sacramento da Reconciliação, e a elas de responder! Lembremo-nos como São Vicente e Santa Luísa souberam incentivar as Irmãs para orientar os pobres para o Sacramento da Reconciliação, apresentando-lhes os benefícios deste maravilhoso dom.

CONCLUSÃO

Nesta exposição bíblica, não quero deixar compreender que o serviço às pessoas que vem visitar a capela seja sempre uma experiência agradável. Seu trabalho não é sempre fácil e sua paciência e sua boa vontade podem ser muitas vezes testadas.

No entanto, quero realmente insistir sobre a importância deste serviço. Maria escolheu se manifestar a um dos membros da Companhia, nesta Capela: isto dá uma característica mais particular a este lugar e nós somos mais diretamente responsáveis pela difusão da mensagem. Para isto, devemos estar prontos para acolher nossos irmãos e Irmãs que vem aqui.

Nesta intervenção que acabo de fazer, sugeri duas ideias importantes relacionadas à hospitalidade que têm fundamentos bíblicos. Em primeiro lugar, ao acolher os peregrinos, acolhemos “anjos”, isto é, a presença do Senhor entre nós. E isto deve ser feito com fé e respeito. Em segundo lugar, nosso acolhimento deve ser pessoal, sincero e alegre. Quem sabe o que o Senhor pode escolher realizar na vida dessas pessoas neste lugar, entre nós!

A exemplo de Jesus e com a ajuda do Espírito Santo, sejamos servos acolhedores: “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós”.

Padre Patrick Griffin, cm
Diretor geral

“TODOS SÃO ACOLHIDOS NESTE LUGAR”

* **Um beijo** na face sugere que nosso acolhimento é personalizado.

* **O lava-pés** indica que queremos que as pessoas saibam que elas chegaram à um bom porto. Este lugar é lhes pertence. Não é simplesmente um outro item na lista sobre os locais para visitar, mas é um lugar para permanecer e rezar e onde se faz a experiência da cura de Deus.

* **Perfumá-los com o óleo** supõe que somos felizes em vê-los e que eles têm um lugar particular em nosso coração.

QUESTIONÁRIO

- É algo real, pensarmos que podemos acolher o Cristo no outro?

- Qual é a passagem bíblica sobre o acolhimento que fala mais fortemente às suas experiências e às suas necessidades? Que outra você acrescentaria?

- Qual é o maior obstáculo que lhe impede de oferecer uma hospitalidade sincera ao outro?

Qual atitude faz com que o acolhimento ao outro se torne difícil?

- Qual foi a sua experiência mais positiva de acolhimento oferecida a uma outra pessoa aqui na Capela da Medalha Milagrosa?

PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL

Casa-Mãe

Retiro Espiritual de fim de ano

29 e 30 de Dezembro de 2011

“Partir de Cristo”

Meditação sobre a vida consagrada

Vocês sabiam que um dos argumentos utilizados contra Galileu foi que se a terra girasse em torno do sol, então nós deveríamos sentir o movimento? Certamente não o sentimos, e existem razões para isso, mas parece-me que seria um argumento de bom senso e com o qual a maioria das pessoas concordaria. A verdade, neste caso, é que estamos constantemente em movimento. Nosso planeta gira em torno de seu eixo; a terra gira em torno do sol; nosso sistema solar em torno de nossa galáxia, e nossa galáxia move-se graças ao grupo de galáxias vizinhas; e assim por diante. Estamos em constante movimento em todas as direções e todos ao mesmo tempo. Para falar apenas do nosso ser físico.

Quando começamos a pensar em nossa vida espiritual, inicialmente, podemos pensar que ela está também em constante movimento e é algo bom: não queremos ficar estagnados ou nos movermos simplesmente por hábito, mas também não queremos permanecer em plena desordem ou em plena confusão nos esforços que fazemos para ir em direção ao Senhor. A disciplina e a constância são importantes. No entanto, precisamos também desacelerar, descansar um pouco e retirar-se para voltar com renovada energia e motivação.

Estamos exatamente no fim de um ano e no começo de um ano novo. É um bom momento para fazer uma avaliação, verificar a velocidade e a direção. É o momento favorável para dar graças por tudo o que se passou e sermos criativos na maneira de vislumbrar o futuro.

É uma bênção ter a possibilidade de pararmos alguns instantes, para silenciar, repousar e meditar; isto pode ser um ponto de partida para o nosso contínuo crescimento. Para ajudá-las neste processo, gostaria de oferecer-lhes algumas reflexões, sobre um documento da Igreja que data do ano de 2002 no qual o Papa João Paulo II nos convida a fazer uma avaliação e seguir adiante a partir de um ponto fixo em nosso universo. Este documento chama-se Partir de Cristo. Um compromisso renovado da vida consagra no terceiro milênio. Ele é citado no Documento Interassembleias e em outros escritos. O ponto de partida é o Cristo, ideia que São Vicente tinha destacado: “A regra das Filhas da Caridade é Cristo” (C. 8a).

O documento *Partir de Cristo* contém uma maravilhosa descrição sobre nossa vida consagrada:

“Partir de Cristo significa proclamar que a vida consagrada é especial seguimento de Cristo e “memória viva da forma de existir e atuar de Jesus, como Verbo encarnado face ao Pai e aos irmãos”. Isto comporta uma particular comunhão com Ele, constituído em centro da vida e fonte contínua de cada iniciativa. Como recorda a Exortação Apostólica Vita Consecrata, trata-se de experiência de partilha, graça especial de intimidade, de “identificar-se com Ele, assumindo os seus sentimentos e forma de vida” é uma vida “cativada por Cristo”, “vida tocada pela mão de Cristo, abrangida pela sua voz, sustentada pela sua graça”(n.22).

Vamos concentrar nosso olhar sobre três destas descrições, cheias de cores e repletas de expressões sugestivas:

- seguir a Cristo;
- fazer de Jesus o centro de nossa vida;
- acolher Jesus como a fonte permanente de toda iniciativa.

1. A VIDA CONSAGRADA : UM “SEGUIMENTO DO CRISTO”

Partir de Cristo nos lembra que a vida consagrada é “*especial seguimento de Cristo*”. Nos Estados Unidos e, provavelmente, em muitos outros lugares, existe um jogo chamado: “o chefe da orquestra”. O objetivo do jogo consiste em seguir uma criança escolhida como “o chefe da orquestra” que guia o grupo através de uma série de ações que as outras crianças devem imitar fielmente. A originalidade e a criatividade do chefe da orquestra aumentam o prazer do jogo. Os discípulos do Cristo são como as crianças que realizam os mesmos gestos do chefe da orquestra. Mantenhamos nossos olhos fixados no Cristo, em seu exemplo e em sua maneira de ser; esforcemo-nos, também, para expressar com fidelidade, a realidade de sua presença no mundo e convidemos outros para caminhar em seu seguimento. (Como diz São Paulo: “Tornai-vos os meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1Co 11, 1)). Sabemos que Jesus nos conduz, que Ele não é somente o objetivo, mas é igualmente o caminho (Jo 14, 6).

No Novo Testamento, os discípulos têm por missão ilustrar as lições que Jesus ensinou. Sobre este assunto, a maneira de ser e de fazer de Pedro é particularmente instrutiva. Aqui estão três exemplos:

PEDRO SE ANTECIPA

Geralmente, para seguir alguém, permanecemos atrás e olhamos o guia. Pedro nem sempre sentiu-se confortável com esta posição

“Desde então, Jesus começou a manifestar a seus discípulos que precisava ir a Jerusalém e sofrer muito da parte dos anciãos, dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas; seria morto e

ressuscitaria ao terceiro dia. Pedro então começou a interpelá-lo e protestar nestes termos: Que Deus não permita isto, Senhor! Isto não te acontecerá! Mas Jesus, voltando-se para ele, disse-lhe: Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um escândalo; teus pensamentos não são de Deus, mas dos homens!” (Mt 16, 21-23).

Pedro precipita-se para conduzir as operações, parecendo dizer a Jesus como Ele deve conduzir sua vida e para onde deve ir. Jesus reprova a tentação de Pedro de querer lhe oferecer o caminho da facilidade e o aconselha a agir como discípulo, ou seja, de permanecer atrás d’Ele. Seu caminho não é para evitar o sofrimento e a morte. Mesmo para nós, o sofrimento e o dom de nossa vida são o caminho para seguir o Cristo. Muitas de nossas Irmãs nos mostram este caminho, algumas dentre elas são testemunhas entre nós. O que é importante é seguir fielmente o Cristo e não evitar o sofrimento.

PEDRO FICA PARA TRÁS

Às vezes, acreditamos que identificamos o caminho. Então queremos nos adiantar para continuar o caminho e impor o ritmo. Este não é o lugar do discípulo. Outras vezes encontramos-nos em situações contrárias, e nos retardamos, deixando o Cristo ir tão distante de nós que o perdemos de vista e empreendemos um caminho presumido. Pedro revela novamente esta realidade: após a Ceia, quando Jesus é detido pelas autoridades, Pedro fica para trás:

“Prenderam-no então e conduziram-no à casa do príncipe dos sacerdotes. Pedro seguia-o de longe. Acenderam um fogo no meio do pátio, e sentaram-se em redor. Pedro veio sentar-se com eles. Uma criada percebeu-o sentado junto ao fogo, encarou-o de perto e disse: Também este homem estava com ele. Mas ele negou-o ‘Mulher, não o conheço’. Pouco depois, viu-o outro e disse-lhe: ‘Também tu és um deles’. Pedro respondeu: ‘Não, eu não o sou’. Passada quase uma hora, afirmava um outro: ‘Certamente também este homem estava com ele, pois também é galileu’. Mas Pedro disse: ‘Meu amigo, não sei o que queres dizer’. E no mesmo instante, quando ainda falava, cantou o galo” (Lc 22, 54-60).

Compreendemos a negação de Pedro naquele momento. Ele seguia a Jesus mas, não tão próximo a ponto de dizer que o conhecia; assim, ao dizer: “Não o conheço”, ele diz a verdade; Quando alguém lhe diz que ele é um dos discípulos de Jesus, Pedro diz: “Não, eu não o sou” e ainda aí, nós entendemos uma parte da verdade; Ele não o seguiu com bastante proximidade para confirmar que ele era um discípulo. Finalmente, quando ele é acusado por estar “com Jesus”, Pedro diz sinceramente: “Não sei o que queres dizer”. Ele não está pronto para levantar-se e ser contado entre os discípulos de Jesus. Na verdade, ele tem medo (é um medo perfeitamente compreensível) e verdadeiramente não compreende a Jesus. Pode parecer ser um de seus discípulos e falar como eles, mas ele ainda não está pronto para ser.

E quanto a nós, as pessoas se enganam ao nos considerar discípulos de Jesus? Elas olham a maneira como estamos vestidos e as palavras que pronunciamos e os lugares onde vivemos e algumas coisas que fazemos e dizem: “Ela é uma de suas discípulas”. Mas, percebemos a verdade desta identificação? Mantemos os olhos fixos em Jesus com uma tal proximidade que temos a certeza de estar em seu seguimento? É possível que o Cristo tenha escolhido um rumo diferente para a nossa vida e que tenhamos deixado a graça passar? É uma real questão. É importante sermos fiéis ao que nos é exigido na vida consagrada: vida de oração, de serviço e de comunidade, vividos no seguimento do Cristo e não simplesmente observando um regulamento. Agir com amor, é um compromisso pessoal e não somente um dever a cumprir.

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e

conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada. Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada valeria!” (1Co 13,1-3).

A eloquência, o conhecimento, a fé, a generosidade e a ação são todas importantes, mas se não são realizadas com amor, não têm sentido. Para nós, “realizar com amor” expressa o “nosso seguimento de Jesus”. Em nossa caminhada e no que fazemos, mantemos o olhar fixo em Jesus. Segundo um ditado: “Se guardares a regra, a regra vos guardará”. É uma sabedoria limitada que deve ser interpretada e colocada em prática de maneira apropriada. Caminhamos no seguimento do Cristo e não no seguimento de uma regra. Como nos aproximamos do fim deste ano, podemos prever um tempo para pararmos e nos perguntar onde estamos nesta caminhada. Estamos nos antecipando ao Cristo, certos de saber para onde vamos e seguros de nossas decisões? Estamos ficando para trás, certos de que ao permanecermos fiéis ao que acreditamos, é o caminho a seguir? Nos dois casos, perdemos de vista o Cristo, mesmo se esta não é a nossa intenção? Antecipando-nos, é necessário lembrarmos que somos discípulos e o que isto exige de nós. Para começar este novo ano, partamos com o Cristo.

PEDRO OLHA AO REDOR DE SI

Voltando-nos para Pedro uma terceira vez, aprendemos uma nova lição graças a sua experiência do Senhor ressuscitado. Jesus se elevou dentre os mortos e deu a Pedro a ocasião de dizer três vezes consecutivas que ele O ama. Jesus disse a Pedro que o seu seguimento o conduzirá à morte. Agora, Pedro está pronto para aceitar esta realidade, no entanto, ele se distrai mais uma vez:

“Voltando-se Pedro, viu que o seguia aquele discípulo que Jesus amava (aquele que estivera reclinado sobre o seu peito, durante a ceia, e lhe perguntara: Senhor, quem é que te há de trair?). Vendo-o, Pedro perguntou a Jesus: Senhor, e este? Que será dele? Respondeu-lhe Jesus: Que te importa se eu quero que ele fique até que eu venha? Tu, segue-me” (Jo 21,20-22)

Mesmo em meio ao seu compromisso de seguir a Jesus resolutamente e com amor, Pedro preocupa-se com a maneira como uma outra pessoa vai seguir Jesus. Claramente, Jesus o conduz à realidade: ele não deve preocupar-se com a maneira como esta outra pessoa será chamada a seguir a Jesus. “Mas o que você deve fazer é seguir-me!” Poderíamos pensar que Pedro aprendeu algo sobre o incidente quando “ele caminhou sobre as águas” (Mt 14, 22-33), porém, ele deve ser constantemente lembrado e incentivado a prestar atenção a Jesus.

Como podemos notar esta primeira imagem, retirada do documento Partir de Cristo, contém importantes conotações bíblicas. Como consagrados, somos chamados a ser discípulos do Cristo e não observadores uns dos outros. Não temos que nos comparar aos outros, mas sim ao Cristo, a quem queremos seguir de perto, ele que nos precede no caminho.

2. A VIDA CONSAGRADA: FAZER DE JESUS O “CENTRO DE NOSSA VIDA”

Partir de Cristo significa também que a pessoa consagrada faz de Jesus o “centro de sua vida”. O “seguimento de Cristo” é uma imagem que orienta nossa atenção para o exterior, estar “centrado no Cristo”, focaliza nossa atenção para o interior. O centro de um objeto jamais se encontra no exterior. O centro é único, profundo e fator de equilíbrio. Jesus é o centro de nossa vida consagrada.

O CENTRO É ÚNICO

Jesus deve ser este único centro de nossa vida. Tudo vem dele e tende para Ele. Jesus lembra aos seus discípulos :

“Ninguém pode servir a dois senhores. Pois vai odiar a um e amar o outro, ou se apegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro” (Lc 16,13).

Quando alguém faz de Jesus o centro de sua vida, não existe mais lugar para um outro objeto de atenção ou um outro valor, no mais profundo de seu ser. O seguimento do Cristo não permite nenhum outro compromisso, nem seguir dois caminhos ao mesmo tempo. Jesus é o único centro, o único ponto de partida.

No Antigo Testamento, esta realidade é afirmada muitas vezes através de insistências sobre a singularidade e a unicidade do Deus de Israel. Assim, no profeta Isaiás:

“Eu sou o Senhor e outro não há! Não existe deus fora de mim! Armei-te guerreiro e tu não me conhecias. Assim se ficará sabendo, do nascer do sol até o poente, que sem mim nada existe” (Is 45,5-6).

Quaisquer que sejam as distrações que fazem parte de nossa vida, qualquer que seja o que pode nos chamar a atenção em direções diferentes, há a exigência para deixar de lado e de meditar sobre a única verdade. Deus é Deus e não existe nenhum outro. Deus deve ser o centro de nossa vida.

Ouvimos falar da prática da “oração centrante ou reorientada”. Ela tem sua origem no clássico espiritual intitulado: “A nuvem do não saber” e passou por várias renovações ao longo destes últimos anos. No centro desta oração encontra-se um convite para deixar Deus no centro de nossa vida e da nossa oração sem nenhuma distração, nem outros valores. Gosto da maneira como esta noção é expressa por um versículo dos Salmos:

“Parai! Sabei que eu sou Deus; que domino sobre as nações e sobre toda a terra” (Sl 45,11).

Jesus é para nós o centro da vida. Atingimos este essencial não nos agitando, nem reunindo montanhas de informações e esclarecimentos, mas deixando Jesus ser o absoluto de nossa vida que dá sentido e orientação à todas as outras coisas. Jesus nos lembra:

“Enquanto estavam a caminho, alguém disse a Jesus: “Eu te seguirei aonde quer que tu vás”. Jesus respondeu: “As raposas têm tocas e os pássaros do céu têm ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”. Então disse a outro: “Segue-me.” Este respondeu: “Permite-me primeiro ir enterrar meu pai”. Jesus respondeu: “Deixa que os mortos enterrem os seus mortos; mas tu, vai e anuncia o Reino de Deus”. Um outro ainda lhe disse: “Eu te seguirei, Senhor, mas deixa-me primeiro despedir-me dos de minha casa”. Jesus, porém, respondeu-lhe: “Quem põe a mão no arado e olha para trás, não está apto para o Reino de Deus.” (Lc 9, 57-62)

Manter Jesus no centro de nossa vida faz com que os outros valores sejam relativizados. Tudo deve ser mesurado em sua relação com o centro e tudo o que dele desvia deve ser rejeitado. A vida consagrada tem como único Centro o Cristo, e dele deve dar testemunho.

A imagem da pedra angular expressa também a dimensão desta verdade para nós:

“Jesus acrescentou: *“Nunca lestes nas Escrituras: A pedra rejeitada pelos construtores tornou-se a pedra angular; isto é obra do Senhor, e é admirável aos nossos olhos?”* (Mt, 21,42)

Esta imagem reconhece a centralidade do Cristo de uma maneira diferente. A pedra angular em um edifício é a pedra de fundação colocada com cuidado, sobre a qual as outras pedras do edifício são alinhadas. Ela dá a direção e o sentido para toda a estrutura. Para nós, o Cristo é esta pedra angular. A partir dele, todo o restante recebe sua importância e sua atenção. Ele é aquele a partir do qual todo o restante recebe sua direção e sentido.

O CENTRO É PROFUNDO

O centro se encontra no mais profundo de nós. Não o buscamos no exterior, nem na periferia, mas no interior, no profundo, lá onde todo o restante recebe sua unidade. Quando deixamos o Cristo ser este centro, estamos verdadeiramente presentes no momento presente.

Quando vamos pela primeira vez numa cidade, sentimos-nos perdidos e buscamos um ponto de referência, um lugar que nos sirva como centro. Pode ser uma Igreja, um parque ou uma praça, e logo que aí chegamos sabemos onde estamos e podemos tomar qualquer direção, sempre conheceremos o caminho. Assim é o Cristo para nós e nossa vida.

Quanto mais avançamos no conhecimento e profundidade da vida em Cristo, mais avançamos para “águas profundas” (Lc 5, 1-11). Jesus exorta os discípulos para ir para o centro e tornar seus esforços frutuosos. Quando meditamos as Escrituras com muita atenção, quando adoramos ao Senhor em sua presença sacramental com a maior reverência, quando nos deparamos com o nosso pecado com uma maior consciência, avançamos, mais profundamente em direção ao centro do nosso coração, onde desejamos ardentemente estar unidos ao coração do Cristo, no mais profundo do nosso ser de pessoas consagradas.

O CENTRO FAVORECE O EQUILÍBRIO

Um malabarista sabe que o equilíbrio de um objeto ou de um ser consiste em centrar seu peso adequadamente.

Se uma pessoa consagra muito tempo e esforço numa direção ou noutra, então ela se desequilibrará. Toda pessoa deve estabelecer uma relação adequada entre o trabalho, a oração, entre falar e escutar, entre a ação e o repouso.

Ao colocar o Cristo no centro, sabemos reconhecer quando é necessário nos afastar, para ir com Ele e escutá-Lo. Com Cristo no centro, reconhecemos quando é tempo de agir ou de ser paciente. Com o Cristo no centro, sabemos quando precisamos falar. Estar centrados no Cristo nos ajuda a identificar os desafios de nossa vida e respondê-los de uma maneira saudável e apropriada. Encontramos o bom equilíbrio.

Lembremos da passagem do jovem rico:

“Tendo ele saído para se pôr a caminho, veio alguém correndo e, dobrando os joelhos diante dele, suplicou-lhe: ‘Bom Mestre, que farei para alcançara vida eterna?’. Jesus disse-lhe: ‘Por que me chamas bom? Só Deus é bom. Conheces os mandamentos: não mates; não cometas adultério; não furtos; não digas falso testemunho; não cometas fraudes; honra pai e mãe’. Ele respondeu-lhe: ‘Mestre, tudo isto tenho observado desde a minha mocidade’. Jesus fixou nele o olhar, amou-o e disse-lhe: “Uma só coisa te falta; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e

terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me. Ele entristeceu-se com estas palavras e foi-se todo abatido, porque possuía muitos bens” (Mc 10, 17-22).

Esta passagem não é a de um homem ruim, mas de um homem que se esforça para fazer o que é justo sempre que pode. Porém, é alguém que não pode deixar Jesus ser o centro de sua vida porque outra coisa já ocupa este lugar. Não sabemos quais são as disposições finais deste homem; talvez, ele tenha se liberado de sua grande necessidade de posse e se colocado, mais tarde, no seguimento de Jesus. Não devemos deixar sua fraqueza particular nos distrair do sentido desta passagem. Se fôssemos até o Senhor e lhe perguntássemos o que devemos fazer, pode ser que ele nos dissesse outra coisa. Em nossas vidas, a abundância pode não ser o problema que nos faz perder o equilíbrio, mas o problema pode ser o nosso desejo de sermos sempre perfeitos, aos olhos dos outros, ou a dificuldade de dar o perdão àqueles que nos machucaram, etc. Sem dúvida, há aspectos de nossas vidas que nos impedem de deixar Jesus assumir uma posição central e assim, encontrar nosso equilíbrio.

Jesus nos olha com amor mas, muitas vezes, partimos tristes, porque não estamos prontos a renunciar à certas coisas. Vocês já viram um adesivo, onde está escrito: “você só poderá fazer de Jesus o Rei de sua vida, quando dela abdicar?” Jesus não pode ser o centro de nossa vida ao menos que tenhamos renunciado ao que ocupa o nosso coração.

Com o Cristo no centro, podemos partir do que está no mais profundo e que faz a unidade de toda a nossa vida. Como este ano está terminando, podemos fazer um exame de consciência para saber se, algumas vezes permitimos que algo ou alguém ocupe esta posição central em nós. Teríamos nós, talvez, colocado o Cristo um pouco de lado para, mais facilmente, alcançar outros objetivos? Como consagrados, partir do Cristo, restaura Jesus como o único centro de nossa vida, dando-lhe profundidade e equilíbrio.

3. A VIDA CONSAGRADA: ACOLHER JESUS COMO A “FONTE PERMANENTE DE TODA INICIATIVA”.

Os escritores, poetas, e outros artistas falam muitas vezes como buscam inspiração para o seu trabalho e o apoio para a realização de sua arte. Partir de Cristo descreve Jesus neste papel para a pessoa consagrada: Ele é a “fonte permanente de toda iniciativa”. Se “o seguimento de Cristo” é uma maneira para, um observador exterior de descrever a vida consagrada, e se “centrar-se no Cristo” é uma maneira de a descrever através de um compromisso interior, talvez possamos utilizar a imagem de uma “fonte permanente de toda inspiração” como uma maneira de descrever a vida consagrada que une estes dois elementos. O Cristo é o ponto de partida e a inspiração que motiva todas as nossas ações.

Toda nova orientação, toda nova decisão é tomada como uma resposta à maneira como a Companhia e cada um de nós percebe Jesus que nos conduz a avançar em seu seguimento. Ele é a fonte e o estímulo de toda atividade. Santa Luísa escreve neste mesmo sentido:

“Vejam, (...) a santa vontade de Deus. Aceitando-a nessa provação, elevemos nosso espírito a Deus, recorrendo a Ele só e considerando que desde toda a eternidade foi e é suficiente a Si mesmo e, por conseguinte, pode e deve bastar-nos a nós também. (Luísa de Marillac, Correspondências e Escritos, E.104 (M.73), “Sobre o espírito necessário às Filhas da Caridade”, pág. 949).

Buscamos continuamente, junto a Jesus, conselhos para nossa missão e nosso serviço. Na tradição vicentina, consideramos esta atitude como uma dependência diante da divina Providência. Deus nos mostra onde ir e o que fazer para atingir a meta.

Tomar Cristo como “fonte de toda iniciativa” exige que O conheçamos bem e que estejamos prontos para agir a seu exemplo, é o que São Paulo chama “revestir-se do espírito de Cristo”.

“Dedicaí-vos mutuamente a estima que se deve em Cristo Jesus. Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fl 2, 5-8).

São Paulo convida a comunidade, e também nós, a revestir-se do espírito do Cristo, que implica a descentralização, a humildade, o serviço e a obediência - como muitas das expressões comuns dos nossos santos fundadores. *“Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim. A minha vida presente, na carne, eu a vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2, 20).*

Hoje, o Espírito Santo continua a conduzir a Igreja, como o fez no tempo de sua fundação. Este espírito nos ajuda a compreender o que Jesus ensina:

“Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito” (Jo 14, 26).

O Espírito continua a nos conduzir. Partindo do Cristo, Ele nos ensina com mais profundidade o que Jesus disse e fez. Ele transforma a nossa maneira de viver o Evangelho e o nosso carisma.

As novas obras realizadas pela Companhia não são necessariamente aquelas que foram escolhidas por nós. O Espírito nos conduz através das necessidades dos pobres, das orientações da Igreja, da força do nosso carisma, e através do que normalmente denominamos, os sinais dos tempos. O Espírito nos ajuda a sermos criativos nas decisões que se deve tomar para avançar no caminho de Cristo.

Várias imagens no Novo Testamento mostram o Cristo como a fonte. Aqui apresento duas:

O CRISTO É A VIDEIRA E NÓS OS RAMOS:

“Permaneço em mim e eu permanecerei em vós. O ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Assim também vós: não podeis tampouco dar fruto, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira; vós, os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,4-5).

Esta imagem emprestada à natureza nos diz uma grande verdade. Para estar realmente vivo e ser portador de vida, o ramo deve permanecer ligado à videira. Se separarmos um do outro, o ramo pode parecer ainda verde e vivo por um certo período, mas já está morto. O único meio do ramo se manter vivo é através da sólida ligação com a videira, da qual ele recebe seu alimento e sua força. O mesmo acontece conosco em nossa relação com o Cristo: se não permanecermos unidos à Ele, não podemos realmente viver no Espírito e sermos portadores de vida. Sem Ele, como o ramo, vamos rapidamente murchar e morrer. E certamente, não haverá nenhum fruto.

A imagem da videira é retirada do Evangelho de João, no discurso da última Ceia, no qual Jesus ensina aos discípulos o carácter iminente da presença de Deus.

“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Paráclito, para que fique eternamente convosco. É o Espírito da Verdade. (...) Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele faremos nossa morada” (Jo14, 16-17.23)

O Deus Trindade permanece entre nós e nos dá vida e força. Sendo receptivos à esta presença, frutificaremos, e levaremos a vida que está em nós, ao mundo.

Presos à videira, o ramo cresce, floresce e dá fruto. É a característica contínua desta imagem que o torna poderoso. O ramo recebe o seu alimento e sua orientação da videira; depois a videira alimenta os cachos de uva. Da mesma forma, nós recebemos o alimento e a orientação do Cristo que habita em nós.

O CRISTO É A FONTE DE ÁGUA QUE VIVIFICA

“Respondeu-lhe Jesus: Todo aquele que beber desta água tornará a ter sede, mas o que beber da água que eu lhe der jamais terá sede. Mas a água que eu lhe der virá a ser nele fonte de água, que jorrará até a vida eterna”(Jo 4, 13-14).

A imagem da água que vivifica e que vem de Deus está muito presente Antigo Testamento. Em uma das visões de Ezequiel, o profeta vê uma grande torrente que vem do Templo do Senhor:

“Ele me disse: “Viste, filho do homem?” Depois me fez caminhar de volta pela margem do rio. Voltando, eu vi junto à margem muitas árvores, de um lado e do outro do rio. Ele me disse: “Estas águas correm em direção do distrito oriental, descem para à planície do Jordão e desembocam no mar, nas águas salgadas, e elas são saneadas. Aonde quer que o rio chegue, todos os animais que se movem poderão viver e haverá peixe em quantidade, pois ali desembocam as águas saneadoras. Haverá vida aonde quer que o rio chegue. Haverá pescadores parados à beira do mar. Desde Engadi até Englaim haverá um secador de redes. Quanto às espécies de peixe, haverá tão grande variedade de peixes como no mar Mediterrâneo. Mas os seus alagados e lagunas não serão saneados; servirão de salinas. Nas margens junto ao rio, de ambos os lados, crescerá toda espécie de árvores frutíferas, cujas folhas não cairão e cujos frutos jamais terminarão. Cada mês darão novos frutos, pois as águas que os banham saem do santuário. Seus frutos servirão de alimento e suas folhas como remédio” (Ez 47, 6-12).

A água traz o frescor, o asseio, a cura e a alimentação. É uma fonte de vida para todos. O livro do Apocalipse (22,1-2) contém o mesmo gênero de imagens, porém, aí as águas fluem do trono de David e do Cordeiro.

Jesus é a fonte de água que dá a vida. Ele faz brotar a vida eterna no coração de toda pessoa. Assim, quando a Companhia ou cada Filha da Caridade procura saber para onde ir e como crescer, o Cristo lhe dá o elã e o alimento. Quando contamos com a vida de Cristo e ficamos atentos à maneira como Ele age, encontramos então, o modelo de nossas iniciativas. Quando observamos a maneira como Ele nos encoraja e, fortalece àqueles que escolheram seguir-Lo, então sabemos qual a força que nos alimenta para realizar nossa missão. Partir do Cristo em nosso serviço, nos une a fonte verdadeira e permanente de todo serviço realizado com amor.

CONCLUSÃO

Partir do Cristo é uma maneira maravilhosa de dizer, em poucas palavras, que o Cristo deve sempre estar no centro de nossas esperanças e de nossos atos. Às vezes, ficamos tão acostumados com o trabalho que esquecemos que estamos a serviço do Cristo. Perdemos de vista nossa consagração pessoal, aspirando a produtividade e a eficácia. Este documento da Igreja nos convida a lembrar o que é mais importante:

“Partir de Cristo significa então, reencontrar o primeiro amor, a centelha inspiradora da qual se começou o seguimento” (Partir do Cristo, nº 22)

As imagens utilizadas hoje, nos convidam a tomar as medidas para sermos verdadeiros discípulos de Cristo, mulheres que colocam o Cristo no centro de suas vidas, que tomam o Cristo por modelo e se apoiam em sua presença constante.

Nossas vidas estão sempre em movimento. Hoje, o Senhor nos dá a oportunidade de parar e fazer um balanço para partir de Cristo.

Padre Patrick Griffin, cm
Diretor Geral

HOJE, COM OS FUNDADORES

Província do Peru

A alegria da “Visitação” em nossas vidas

Não vos esqueçais da hospitalidade, pela qual alguns, sem o saberem, hospedaram anjos” (Hb. 13, 2). A cada dia, Deus vem ao nosso encontro em nossas vidas, sob a aparência de uma criança pobre, de uma mulher ou de uma pessoa idosa, machucada, maltratada, excluída. Nossa casa está aberta para todos, sobretudo, para os mais infelizes. Ela nos permite acolher e *“servir com criatividade e audácia, para manifestar o amor de Deus para com os pobres”* (Documento Interassembleias, 2009 2015).

Situada no alto planalto, ao norte do país, a região de **Cajamarca** é uma das 24 regiões do Peru. Tem uma população com mais de 250 000 habitantes. A cidade administrativa desta região tem o mesmo nome: **Cajamarca**. Está localizada a 2.700 metros, acima do nível do mar e conta com uma população de aproximadamente 150.000 habitantes. Nas estatísticas do país, esta região está em quinto lugar, no que diz respeito à linha de pobreza. Muito distante da capital, Lima, as autoridades e os sucessivos governos não ajudaram muito, mesmo se é uma região de minas de ouro, em exploração.

Nossa Comunidade está situada no centro da cidade de Cajamarca, o que facilita o acesso. Neste centro apostólico “Santa Luísa de Marillac”, trabalhamos há 136 anos com o mesmo dinamismo missionário. No entanto, as vezes, ouvimos: “uma missão que permanece muito tempo em uma mesma região é sinal de falta de evangelização”... tudo depende de como avaliamos os resultados de um apostolado.

Ao chegarem em Cajamarca, as Irmãs trabalharam no hospital, e no orfanato de meninas. Ao constatarem que as crianças não eram escolarizadas, fundaram a primeira escola da cidade. Depois, perceberam que as jovens que vinham do campo para estudar, não encontravam lugar para

morar. Então organizaram e abriram um alojamento para jovens. Atualmente, um grande número dentre elas está casada e, conseguiram o seu diploma profissional. Algumas vivem e trabalham próximo das Irmãs e são gratas por tudo o que receberam. Shen, enfermeira, diz: “Foi aqui que passei os melhores momentos de minha vida”, e interessa-se por nossa missão atual.

Atualmente, as Irmãs estão a serviço dos doentes mentais, e mais de 1000 pessoas são acolhidas por dia. O começo foi difícil: as pessoas doentes são, as vezes, muito violentas e agressivas..

Após vários anos de trabalho em equipe (psiquiatras, enfermeiros, psicólogos, Irmãs), escolhemos um sistema de atendimento que envolve e incentiva a família manter seus doentes, próximo dela, ao invés de pensar em hospitalização ou internamento sistemático e psiquiátrico. Desde então, as autoridades e a população perceberam que, o número de doentes abandonados na cidade, tinha diminuído.

Oficinas de reeducação psico-social foram instaladas com consultas psiquiátricas, psicológicas, terapias familiares, curativos, ergoterapia, reflexoterapia... Existem igualmente, oficinas para os membros das famílias, visitas a domicílio, ajudas para compra de medicamentos. Este programa implantado com vigor, há 12 anos, pelas Irmãs, se desenvolve e produz frutos. Devem lembrar-se das palavras de seus fundadores: “quem teria pensado que esta obra se tornaria o que é hoje? Eu não pensei, mas Deus pensou”.

Tomasa testemunha: “Minha Irmã, eu vivia no lixo, comia o que as pessoas me davam, comia com as mãos o que jogavam para mim, porque elas tinham medo de mim, porque eu atirava pedras nelas. Eu estava louca... e me tornei ainda mais quando levaram meus netos... eu gritava, gritava e ninguém prestava atenção...eu não sabia onde elas estavam. Na aldeia, o diretor dizia que ele também não sabia... tudo isto durou até o dia em que eu fui trazida para esta casa e que as senhoras cuidaram de mim e me curaram. Todas vocês são boas...muito obrigada, muito obrigada...”

Tomasa é o sinal visível do que o Amor de Deus pode fazer pelo mais pobre dos seus filhos. Aqueles que passam diante de nossa porta e a veem vendendo suco de laranja, ficam surpresos e espantados com a mudança nela ocorrida. Agora, ela é uma “mulher de negócios”, partilha conosco seus sonhos : “ela quer comprar um terreno para construir sua casa, assim, quando seus filhos vierem vê-la, ela poderá recebê-los...”. Ela cuida de si, e vai até ao dentista ; a primeira coisa que comprou, foi um rádio e depois um relógio.

Nosso objetivo não é buscar o reconhecimento público, mas este serviço recebeu os cumprimentos dos governos: regional, municipal e do ministério da mulher...A população reconheceu todo o trabalho da comunidade educativa e de atendimento ao serviço de reeducação. Entretanto, “Partilhar para uma melhor saúde mental” não é o único programa, um outro, em colaboração com professores, pessoas do Instituto pedagógico local e dos pais de família, foi realizado pelas crianças: reforço escolar, com atenção adaptada às crianças em situação precária ou de risco.

Também, abrimos oficinas de costura, de tricô e de informática para os doentes e suas famílias, como uma forma de terapia ocupacional. Até agora, não conseguimos nenhuma ajuda financeira para a oficina de produção. Colaboramos com a equipe educativa confeccionando roupas ou produtos domésticos.

Existe igualmente um serviço de acolhimento para pessoas que vem do campo, para cuidar da saúde ou de procedimentos administrativos. Os padres da paróquia e os religiosos de outras

congregações estão em contato conosco para acompanhar os doentes mentais ao hospital, pois, com frequência são vítimas de discriminação ou intolerância. Para garantir estes diferentes serviços, aumentamos a casa e construímos um terceiro andar para acolher as jovens do campo que vêm fazer um estágio para um discernimento vocacional.

Nestes dois últimos anos, assumimos dois outros vilarejos: Huaraclla e Chetilla, que se encontram distantes da cidade, onde os habitantes vivem como outrora e têm necessidade de um acompanhamento humano e espiritual.

Em 2009, com os Seminaristas da Congregação da Missão, organizamos uma missão. Descobrimos que as pessoas buscavam a Deus. A cada semana, sempre nos revezando, deixávamos a casa sob a responsabilidade de algumas Irmãs e colaboradores, para evangelizar, porém, recebemos muito mais do que ofertamos. A simplicidade de suas palavras e de sua vida nos ajudam a encontrar Jesus.

Em Huaraclla, muitas crianças e jovens desejam tornar-se “padres” e “religiosos”; eles amam ler a Bíblia e conhecem bem a história da Salvação. Atualmente, quatro dentre eles são acólitos, outros estão em formação para serem catequistas. Em Chetilla, aldeia indígena, onde se fala o Quechua, as pessoas conservam sua sabedoria ancestral. As crianças dirigem-se à nós com facilidade e são eles que se encarregam de transmitir a Boa Nova aos adultos. Nesta nossa missão, contamos com a participação de jovens leigos.

Os serviços que realizamos, seja na casa ou externamente, são organizados em função das necessidades dos pobres. São eles que nos pedem para ajudá-los a progredir seja no caminho da cura ou da reinserção social. Acreditamos que Deus nos acompanha: *“mas, descera sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, até os confins do mundo”* (At 1,8). Os colaboradores vêm nos ajudar regularmente, sem esperar recompensa a não ser, a de servir seus irmãos. Alguns fazem parte de uma paróquia, outros, desejam formar uma equipe da Sociedade de São Vicente de Paulo. E assim, a obra segue o seu curso.

“Fazei tudo o que Ele vos disser”: Sim, pedimos à Maria que nos ensine a escutar, acolher, rezar para contemplar como a graça de Deus age em cada pessoa e através de cada acontecimento. Com Maria e todos os pobres de Yahwe, cantamos: “Minh’alma glorifica o Senhor, e exulte meu espírito em Deus meu Salvador...”

Irmã Reyna e e Irmãs da Comunidade
“Santa Luísa de Marillac” de Cajamarca

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província do Japão

Após o terremoto de 11 de março de 2011: Fundação de apoio às vítimas da catástrofe

No dia 11 de março de 2011 às 14h46, um forte sisma de magnitude 9 atingiu o Nordeste do Japão. Foi um imenso terremoto que alcançou uma superfície de aproximadamente 570 km de Norte à Sul, e 210 km de Leste à Oeste. Imediatamente após o sisma, um enorme tsunami se formou, devastando toda a área costeira. De acordo com as recentes informações, o número de pessoas mortas foi de 15.698 e 4.666 estão desaparecidas. Além do terremoto e do tsunami, o

acidente ocorrido na central nuclear de Fukushima tornou pior a situação. Embora, não tenhamos nenhuma conclusão dos enormes prejuízos, os agricultores e pecuaristas estão vivendo uma situação desesperadora, pois, obrigados a deixar a região, estão refugiados no interior do Japão.

O que poderíamos fazer diante de uma tal situação? Através da oração e participando deste sofrimento, encontramos os meios possíveis para ajudar as vítimas. As consequências desta catástrofe são terríveis, e os transportes públicos, estavam totalmente paralisados. Parecia-nos não haver outra maneira de agir, senão por intermédio dos organismos oficiais.

A maioria das casas das Filhas da Caridade encontram-se no distrito de Kansai, ao sudoeste do Japão, longe das zonas devastadas, portanto, tivemos dificuldades de compreender a amplitude da situação. Um dos membros da Sociedade de São Vicente de Paulo e outros da paróquia de Sendai, lançaram uma grande operação de “partilha” para distribuir aos desabrigados nos abrigos, roupas quentes, alimentos desidratados, leite e fraldas para os bebés, etc. A Comunidade Rosalie, de Numata, que é a mais próxima dos lugares de alojamento para as pessoas que evacuaram a zona central nuclear, pôde visitar as vítimas. Ao mesmo tempo, as Irmãs da Casa provincial começaram a receber uma grande quantidade de doação, vinda de toda parte, que nos permitiu criar em abril “a Fundação das Filhas da Caridade às vítimas do 11 de março”.

Em 24 de abril, domingo de Páscoa, recebemos um telefonema do Sr. Kyoji Sato, Presidente da Sociedade de São Vicente de Paulo de Sendai. A sociedade médica católica que percorria os ginásios transformados em abrigos, tentava suprir as necessidades de saúde dos refugiados, e nos solicitou uma Irmã enfermeira.

De 13 a 16 de maio, com o Sr. Kyoji Sato e a Irmã Janet Nunogami, Visitadora, e a Irmã Rosalie Chigira, Irmã Servente da Casa Provincial, foram conhecer de perto Sendai e as zonas devastadas pelo tsunami. O trem expresso do nordeste tinha voltado a circular há dez dias, o que nos possibilitou chegar em 7 horas. Dois meses já se passaram após o terremoto, mas nos faltam palavras para descrever o horror que nossos olhos constataram! Ao nos deslocarmos de carro, vimos por quilômetros a extensão do desastre: casas derrubadas, carros, tanques de combustível, barcos virados, os campos recobertos pelo mar, os pinheiros do litoral derrubados, desenraizados, empilhados na beira da estrada. Voluntários tentaram retirar a lama das casas e os membros da defesa civil buscavam corpos com a ajuda de bastões.

Apesar dos muros de proteção, de 10 metros de altura contra tsunami, construídos após uma outra catástrofe vivida anteriormente, o tsunami passou com facilidade por cima da barreira.

Em 15 de maio, na Catedral de Sendai, pudemos participar de uma missa memorial, presidida pelo Cardeal Sarah, Núncio Apostólico, onde foram apresentadas mensagens de condolências e doações ofertadas. Em seguida, encontramos os médicos da Sociedade Médica Católica e conversamos com o Sr. Sato a respeito da organização do trabalho dos voluntários.

Desde o início desta tragédia, Dom Tani, com sua diocese de Saitama, se engajou nas diferentes atividades de apoio. Com a Irmã Maria Lang LE, vietnamita, membro da casa de acolhimento do Centro de Comunicação Internacional para os migrantes, as Irmãs da Casa Rosalie e as de Kawaguchi trabalharam no Centro de Apoio Yumoto da cidade de Iwaki (dependente da prefeitura de Fukushima na diocese de Sendai). Com os leigos, as Irmãs colocaram-se à escuta das pessoas refugiadas. Muitas pessoas tiveram que deixar suas casas, porque fica localizada numa zona próxima da central nuclear danificada, porém elas não querem revelar de onde vieram com medo de sofrer discriminação.

No início de junho, Irmã Madeline Hara, Conselheira geral, veio nos visitar trazendo um pouco de conforto e apoio. Acompanhada do Sr. Sato, Irmã Madeline percorreu mais de 500 km, descobrindo este triste panorama de desolação de uma região bastante conhecida por sua beleza e suas paisagens.

Na Prefeitura da cidade de Minami San Riku Cho, uma jovem de 24 anos que deveria se casar no outono, foi levada pelas ondas, no momento que prevenia os que estavam ao seu redor para fugir, o mais rápido possível, antes da chegada do tsunami. Muitas outras pessoas morreram tentando ajudar outras a escapar.

O trabalho voluntário em Kesen-numa Wave

Para apoiar a atividade da Sociedade Médica Católica, um médico abriu sua casa para abrigar os voluntários, entre os quais a Irmã Jeanne Kinashi, enfermeira e Irmã Rosalie Chigira que era a motorista para fazer o trajeto das idas e vindas até o ginásio de Kesen-numa Wave onde, mais de 1500 pessoas, que foram retiradas de suas casas, estavam amontoadas.

A visita às pessoas nas unidades de alojamento provisório.

Neste país não católico, as pessoas não conhecem as Irmãs. Graças à sua disponibilidade e sua escuta, eles que tinham perdido tudo, recomeçaram a encontrar um pouco de esperança de vida. Progressivamente, eles se acostumaram com elas, manifestando sua confiança e chamando-as “minha Irmã”.

O governo preparou 46.000 alojamentos provisórios. Uma vez instaladas, as pessoas realojadas deveriam preparar sua própria refeição, fazer as compras, o que era difícil e o perigo de afundar na solidão era motivo de inquietude.

Cerca de trinta paroquianos vietnamitas, da Igreja de Kawaguchi, sob a orientação da Irmã Maria Lang LE, serviram refeições vietnamitas para aproximadamente 250 vítimas, em três abrigos diferentes (começando pela Escola fundamental Ena). Este foi um serviço ofertado pelo Centro de apoio Yumoto, que assumiu todas as despesas, em gratidão ao Governo japonês que os tinha ajudado quando eles eram “boat people” (imigrantes). Depois, o número de colaboradores (vietnamitas e outros) aumentou, eram mais de 1.000 refeições preparadas e servidas, sobre a orientação da Irmã Maria Lang e de numerosas Filhas da Caridade, da paróquia de Kawaguchi.

Diante de um curto período, o que pudemos fazer pelas vítimas, em seu sofrimento, foi muito pouco, mas Deus estava realmente conosco, e abençoou as duas partes com a abundância de sua graça.

Todos se mobilizaram de uma maneira ou de outra para atravessar esta prova. Deus aí, colocou a mão, e nós fomos testemunhas do mistério da morte e ressurreição na vida de numerosas pessoas. Os programas de televisão relataram os números da reconstrução e o aspecto visível dos esforços extraordinários feitos pelos cidadãos. Os números revelaram um grande elã de solidariedade entre todos, que para nós, é motivo de ação de graças.

O Bispo de Saitama previu construir uma casa pré-fabricada, próximo dos alojamentos provisórios, para servir de salão para os residentes, onde eles poderão conversar, relaxar, tomar uma bebida e ter um lugar de partilha.

Enfim, o problema mais grave permanece a questão das centrais nucleares, que apresentam um perigo para o futuro, pois ainda não encontraram a solução para neutralizar uma

contaminação radioativa, diante de um acidente como este. Os meios utilizados para lidar com a situação mais urgente, infelizmente destrói o ambiente marinho. Certamente, faz-se urgente desenvolver pesquisas em vista do emprego de outras energias mais naturais.

A Província das Filhas da Caridade do Japão é pequena, porém todas as Irmãs, independentes da idade, participaram com os voluntários, de uma grande ação conjunta à serviço de todos. Esta é uma grande esperança para a província. Somos muito agradecidas pelas orações e o apoio recebidos do mundo inteiro que nos estimulam a continuar nosso serviço com generosidade.

Permitam-me terminar com as palavras de um padre:

“O Cristo exclamou na Cruz: ‘Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste...?’ No entanto, a ajuda não chegou e Ele morreu. atualmente, as pessoas das zonas devastadas partilham os mesmos sentimentos de desesperança com o Cristo: ‘Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste...?’ Tendo perdido os membros de suas famílias, seus amigos, e suas casas, eles têm medo de novos tremores, temem a contaminação radioativa que parece um inimigo presente na terra, no mar e no céu.

O terremoto de 11 de março deslocou a “barreira dos corações” das pessoas, fazendo surgir da tristeza, no coração de todo o Japão e do mundo inteiro, uma unidade na oração, na solidariedade e na exigência de uma ação concreta. A verdadeira oração do Cristo, antes de sua paixão, “que sejam um...” parece ter se realizado. Não é, de fato, um sinal de vida do ressuscitado e uma luz de esperança? “No mundo tereis muitas aflições, mas coragem, eu venci o mundo” (Jo 16, 33)

Irmã Janet Nunogami
Filha da Caridade

Testemunho das Irmãs

Província da Sardenha

O Centro de acolhimento São Vicente

O começo desta experiência encontra-se na rua onde vivem atualmente as “crianças de rua”.

A experiência quotidiana da maior parte destas crianças, antes da violência e da marginalização, é a da falta de acolhimento, de afeição e de respeito à vida, elementos fundamentais para o crescimento e a maturidade das pessoas.

O “Centro de Acolhimento São Vicente” quer dizer para estas crianças que a realidade não deve ser somente a rua: existe um horizonte diferente, talvez, ainda impreciso, mas além da rua, existe a esperança de uma vida melhor.

Nos anos de 1980, encontrei o Padre Sérgio, um Padre da Missão que ama muito os pobres. Nesta época, eu era contestadora, queria mudar o mundo. O Padre Sérgio me fez compreender que eu só iria conseguir mudar o mundo, se eu mudasse primeiro a minha vida.

Seu testemunho de vida suscitou em mim o desejo de seguir a Cristo. Na verdade, nesta maneira de viver, o Padre Sérgio compromete-se pessoalmente. Acompanhando o *voluntariado dos jovens vicentinos*, fundou uma escola para os responsáveis. Foi lá que eu comecei a trabalhar mais estreitamente com ele.

Para dinamizar o elã dos jovens voluntários, o Padre Sérgio nos convidada para as reuniões para nos apoiar mutuamente em nosso compromisso com a caridade.

Quando ele percebeu que muitos meninos dos bairros pobres de Cagliari viviam na rua e não frequentavam a escola, ele não hesitou em se engajar a serviço dos jovens do benévolo vicentino, criando para sua educação um Centro do dia “Oásis São Vicente” para sua educação.

Dotado de uma inteligência intuitiva e criativa, ele montou oficinas de marcenaria, de meteorologia e informática. Para eles, tinha um coração de pai que escutava suas necessidades e encorajava-os a preparar-se para o futuro, através de cursos adaptados.

Para o Padre Sérgio, educar é ajudar as crianças a crescer e ensinar-lhes a amar ao modo de Jesus. O Padre Sérgio acolhia sempre aqueles que eram considerados como os “piores”, aqueles que ninguém queria. Quando a polícia trazia as crianças em plena noite, e isto acontecia com frequência, era ele que se levantava para os acolher.

O Padre Sérgio sabia suscitar a colaboração. Sua preocupação era manter nos responsáveis a consciência de seu compromisso de cristãos e apoiá-los para ultrapassar as inevitáveis dificuldades. Ele nos repetia, frequentemente, que a obra é de Deus e não nossa. Vivendo pobremente, ele se encantava pelo amor infinito e misericordioso de Deus, que acolhe e ultrapassa os limites de nossas incapacidades.

Ao longo de uma entrevista, há algum tempo, antes de morrer, ele disse:

“Uma das obras, onde está comprometida nossa realidade vicentina na Sardenha é a Oásis São Vicente. Trata-se de um terreno de três hectares, com alguns prédios, que se encontra a 25 km de Cagliari. A obra acolhe os menores em risco, isto é, vindo de situações difíceis, ou mesmo crianças com mães em dificuldades, que normalmente nos são confiados pelo Tribunal de Menores. São acompanhados nas diversas atividades pelos responsáveis, os educadores e um grupo de voluntários.

A Oásis iniciou suas atividades em 1996 e durante estes anos, aproximadamente, 150 garotos passaram por aqui. Nossa preocupação é que a vida destas crianças, destas mães e dos mais pequeninos, se desenvolva em um ambiente familiar, que os ajude a superar sua situação de dificuldade e de amargura. A comunidade está dividida em dois setores:

- O pequeno grupo das crianças menores que frequenta a escola maternal e são acompanhados de suas mães e alguns voluntários.

- O grande grupo de garotos e meninas que frequentam a escola, que vai desde o nível elementar até o superior. São acompanhados pelas educadoras em suas atividades, e bem particularmente, em seus estudos.

Considerando as dificuldades vividas por estas crianças, nossa preocupação é manter um clima sereno que os ajude a encontrar a esperança e o gosto de viver. Isto é possível com uma qualidade de vida de grupo, centrado na atenção à pessoa e no respeito às diferenças, num diálogo construtivo, cujo ponto de referência é a experiência cristã.

Este trabalho não é sempre fácil, mas o que é extraordinário, é ver a mudança e o amadurecimento destas crianças e destes jovens. Por isso, verdadeiramente, vale a pena comprometer-se e trabalhar por eles”.

Irmã Anna COGONI
Filha da Caridade

FONTES E ATUALIDADES

A Encarnação e o Natal com São Vicente

A Congregação da Missão foi fundada em 17 de abril de 1625, “para honrar o mistério da Encarnação, a vida e a morte de Jesus Cristo”¹. A Bula que a instituiu canonicamente, em 12 de janeiro de 1633, especifica que ela “*honrará especialmente a Santíssima Trindade, o santo mistério da Encarnação e a bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus*”². Padre Vicente devia à Berulle, em particular, esta devoção central à Santíssima Trindade e a Encarnação, com a contemplação e amor de Jesus na sua vida terrestre e na sua paixão bem como em sua vida no seio da Trindade e sua Ressurreição.

É um aspecto de São Vicente, talvez, menos comum e que aliás, é um elemento eixo da Encarnação, o que poderia ser chamado de sua devoção ao ano litúrgico, e seu amor à liturgia em geral. Para ele, como um bom discípulo de Bérule, os acontecimentos da vida de Jesus, seus sentimentos e suas ações, têm cada um, uma dimensão eterna, pois é a própria Pessoa do Verbo de Deus. Portanto, eles estão presentes ao longo de toda a nossa história, especialmente, graças à Instituição da Eucaristia, que O apresenta concretamente, ao longo do ano litúrgico. Foi sobre a Eucaristia e não sobre as nossas ações caritativas, que Padre Vicente escreveu: “*que o amor é inventivo até o infinito*” pois, Ele aí se “*encontra real e substancialmente como Ele o é no alto céu*”³.

Ora, a Missa, como Ofício, nos é proposta no ciclo da liturgia, unida por sua vez, aos diversos eventos da salvação, na vida de Jesus. Consequentemente, tendo continuado, como ele o tinha vivido com Bérule no início do Oratório, a prática de realizar as conferências a cada semana com seus coirmãos, Padre Vicente quis, a seu exemplo, pegar as festas do ciclo litúrgico como tema da oração, de repetição da oração, ou da conferência, por ocasião destas festas, ao menos, uma vez a cada dois anos. Ele mesmo propôs um método para meditá-las: considerar o objetivo do mistério comemorado⁴, ou ainda a sua representação na “história” com todos os detalhes⁵.

A maioria de suas conferências, antes de 1655, não foram anotadas, e muitos cadernos foram saqueados, durante a invasão à São Lázaro, em 13 de julho de 1789. Devemos nos contentar com algumas cópias, que nos restam, e fragmentos que foram citados por Abelly. Temos pelo menos a lista, quase completa, dos assuntos nos **dez últimos anos**, de 1650 a 1660. Isto nos faz pensar na quantidade de vezes que ele falou, antes deste período.

Nós o vemos **três vezes** em uma conferência sobre o **Advento**, em 1652, 1654 e 1658 e **4 vezes sobre o Natal** em 1650, 1651, 1654 e 1656. Em 1657, as conferências de dezembro seguiam sobre as virtudes de 5 coirmãos mortos pela peste em Madagascar. Infelizmente, nenhuma destas conferências foram conservadas, ou porque não foram anotadas, ou ainda, porque desapareceram durante a invasão ocorrida em São Lázaro, em 13 de Julho de 1789.

Tentemos, no entanto, a partir de outras passagens, imaginar como o Padre Vicente vivia e meditava a preparação destas festas. Viver o Natal e a Sagrada Comunhão pressupõe apoiar-se nestes dois eixos:

- A preparação necessária,
- E o louvor admirativo.

Nossos **primeiros textos** encontram-se nos rascunhos dos sermões sobre a **Comunhão, por volta de 1613/1616**. Vemos aqui um paralelo entre a preparação da vinda do Cristo no mundo e a de sua vinda até nós: nossa comunhão é de fato uma continuação da Encarnação.

PREPARAÇÃO DA ENCARNAÇÃO:

“[Deus] previu, portanto, que sendo necessário que seu Filho assumisse a condição humana, era-lhe conveniente que se encarnasse através de uma mulher, digna de recebê-Lo. Mulher plena de graça, sem pecado, cheia de piedade e longe de todas as más afeições. Ele (...) não encontrou nenhuma outra, digna desta grande obra, senão a Puríssima Virgem Maria. Por isso, propõe-lhe desde toda a eternidade, de lhe dispor este abrigo, para ornar dos mais raros e dignos bens, doados a uma criatura, a fim de que fosse um templo digno da divindade, um palácio digno de seu Filho”.

PREPARAÇÃO DE SUA VINDA EM NÓS:

“Se a providência eterna lançou o seu olhar tão longe para descobrir este receptáculo de seu Filho, e tendo descoberto, o ornou com todas as graças que poderia ornamentar a criatura, como ele mesmo o fez declarar por um anjo, que enviou como embaixador, quanto mais nós devemos prever o dia e a disposição necessários para o receber! Quanto, aliás, devemos cuidadosamente ornar nossa alma de virtudes requeridas por este grande mistério que a devoção nos pode obter!” (SV, XIII, 35).

Este sermão continua mostrando:

- a ação do Espírito Santo na Encarnação;
- a participação de todos os seres na alegria do nascimento do Filho de Deus:

“O Espírito Santo não quis que esta ação se passasse sem que pudesse contribuir com algo que Lhe é próprio e quis escolher o mais puro sangue da Virgem, para a concepção deste corpo”.

“Os anjos fizeram ecoar os cantos e louvores, quando Ele veio ao mundo. São João prestou-lhe homenagem, estando ainda no ventre de sua mãe; os Magos, que representam a ciência humana, também contribuíram para este reconhecimento e os pastores, como símbolo da simplicidade, fazem também a sua reverência”.

“Mas, ó coisa estranha! Que diríamos dos animais irracionais? Eles não quiseram ficar exilados deste reconhecimento”.

“Porém, o que é ainda mais estranho, é que as coisas inanimadas, que não podem prestar o seu reconhecimento, esforçam-se em sua natureza para o fazer, contribuindo também com a fé e homenagem” (SV XII, 35-36).

E QUANTO A NÓS ?

“Se Deus o Pai, o Filho, o Espírito Santo, se os anjos, as criancinhas, os grandes homens em dignidade e de raros saberes, se o simples, se os animais irracionais e as coisas inanimadas contribuíram, uns com os outros, na previsão, no agir, outros nas obras, e cada um (segundo) suas capacidades, no nascimento do Filho de Deus, quanto maior razão deve o homem prever, trabalhar e se dispor ao acolhimento deste mesmo Criador”.

INSISTE SOBRE O LUGAR PARTICULAR DO LOUVOR ADMIRATIVO.

Numa conferência sobre o ofício divino, em 26 de setembro de 1659, ele insiste sobre o espírito de louvor, tendo como exemplo o anúncio da Encarnação:

“Os louvores de Deus não são tão poucos como se imagina. Sabeis, meus Irmãos, que o primeiro ato de religião é louvar a Deus? Diria ainda mais: ele está mesmo antes do sacrifício. Uma máxima diz: é preciso que uma coisa seja e exista antes de começar a agir. É preciso reconhecer a essência e a existência de Deus e ter algum conhecimento de suas perfeições antes de lhe oferecer um sacrifício; é pois natural, que eu lhe pergunte: a quem vós ofereceis presentes? Aos grandes, aos príncipes e aos reis. São a estes que prestais reverências”.

*“É tão verdade que o próprio **Deus observou a mesma ordem na Encarnação**. Quando o anjo saúda a Virgem Maria, ele começou reconhecendo que ela estava plena das graças do céu: Ave, gratia plena; vós estais plena e recoberta dos favores de Deus; Ave, gratia plena. Ele a reconhece, portanto, e louva a cheia de graça. E depois, o que ele fez? Este belo presente da segunda pessoa da Santíssima Trindade. O Espírito Santo, colhendo o mais puro sangue da Santíssima Virgem, forma um corpo. Depois, Deus criou uma alma para este corpo e, imediatamente, o Verbo se une a esta alma e a este corpo, por uma admirável união, e assim, o Espírito Santo operou o mistério inefável da Encarnação. O louvor precedeu ao sacrifício” (SV, XII 326-327).*

Em uma carta de 22 de dezembro de 1656, à Jean Martin, ele termina partilhando-lhe seus pensamentos sobre um outro aspecto: **o rebaixamento do Filho de Deus**, em termos bem “Berullianos”. O Filho de Deus, por quem todas as coisas foram feitas, que dá existência a todo ser, como nos ensina o prólogo do Evangelho segundo São João, torna-se criatura, ou seja, o que de si mesmo não existe, existe somente pela vontade e o amor de Deus.

*“Não temos nada de novo, senão, **o mistério que aproxima, que nos fará ver o Salvador do mundo como aniquilado sob a forma de uma criança**; e espero que nos encontremos juntos aos pés do presépio para pedir-lhe que nos lance depois dele, em seu rebaixamento. É neste desejo que em seu amor, sou o vosso muitíssimo humilde servo” (SV, VI, 150).*

Bérulle teria escrito várias páginas para parafrasear esta meditação de Filipenses 2. Vicente contenta-se apenas, com duas frases, porém densas e de pesadas consequências. Na sexta feira, 02 de maio de **1659**, falando sobre a mortificação e o desapego aos nossos pais, Vicente responde a uma objeção eventual, que dizia que Jesus permaneceu com seus pais e em contato com sua mãe, mostrando como, reciprocamente, São José e a Santíssima Virgem estavam unidos ao seu Filho e à Ele submetiam os seus pensamentos e desejos.

*“**Estes santos pais tinham sempre seus pensamentos e seus desejos submetidos a este divino Filho**. Suas ações e afeições estavam sempre em conformidade com Ele, através da fonte de sabedoria adorável e da vontade eterna de seu Pai, que Lhe havia estabelecido a direção e a conduta de São José e da Santíssima Virgem” (SV, XII, 216).*

No dia 15 de novembro de **1656**, durante **a repetição de oração** o Padre Vicente tinha expressado de uma maneira mais concreta, este rebaixamento do Filho de Deus para se tornar o Salvador. O fato de que o mesmo pensamento tenha vindo numa conferência, depois em uma carta, com seis semanas de intervalo, mostra-nos o quanto ele estava impregnado destas meditações e as vivia.

*“Não vemos ainda que o **Pai eterno, tendo enviado seu Filho à terra para ser a luz do mundo, o fez, no entanto, aparecer numa criancinha, como um desses pequenos pobres que vedes bater nesta porta?**”.*

“O que! Pai eterno, enviastes vosso Filho para iluminar e ensinar a todos, e no entanto, eis que nos parece nada mais que isso! Mas espere um pouco, e vereis o desígnio de Deus; e porque Ele resolveu não perder o mundo, tendo compaixão, este mesmo Filho doará sua vida por ele”.

“Porém, senhores e meus irmãos, se considerarmos, por outro lado, a graça que concedeu àqueles da Companhia para livrá-los do naufrágio, não seria necessário que permanecesses de acordo, que Deus tem em sua proteção particular a pobre, pequena e insignificante Companhia? É isto senhores o que deve vos encorajar cada vez mais a se **entregar à sua divina Majestade**, da melhor maneira possível, para **terminar sua grande obra**” (SV, XI, 377-378).

QUAL É A MELHOR FÓRMULA PARA EXPRESSAR A MISSÃO DE JESUS, QUE A IGREJA E A COMPANHIA DEVEM CONTINUAR?

Foi o método da oração de nosso fundador: ele queria um mínimo de consideração para muito nos exercitar na afeição e no zelo, em vista de tomar resoluções práticas: eis-nos aqui, portanto “consagrados para continuar a missão de seu Filho” cada um segundo suas aptidões e suas forças⁶. Continuar sua missão é aplicado também àqueles que se unem a este estado da infância, das crianças pequeninas. Em 13 de fevereiro de 1646, falando às Filhas da Caridade sobre o amor de sua vocação e assistência aos pobres, enumera diversas categorias de pobres, nos quais elas servem a Jesus: “*Ide ver os pobres, agrilhoados, aí encontrareis Deus; tratais das pobres crianças, aí encontrareis a Deus*” (pág. 170).

Em 18 de outubro de 1655, mostra às Filhas da Caridade a diferença entre o fim da Companhia e o de outras companhias, Cartuxos, Capuchinhos, Carmelitas, Filhas do Hospital Geral, acrescentando o quanto servir as crianças era honrar o menino Jesus: “*Portanto, o fim para o qual deveis tender, é honrar Nosso Senhor Jesus Cristo, servindo-O nos pobres, nas crianças, para honrar Sua Infância...*” (SV, pág. 546).

Retomemos finalmente esta fórmula pouco conhecida, mas muito precisa e exigente, que ele repete mais de uma vez, por exemplo, em 17 de junho de 1657: “Devemos ser todo de Deus e estarmos à serviço do público”(SV, XI, 402).

Podemos ver o quando o Padre Vicente tem uma espiritualidade de unidade, de união:

- União entre a vida interior pessoal, a vida litúrgica, na Igreja, e na vida “no serviço público”;
- União entre a contemplação e a ação, pois os dois fazem parte da missão.
- a exemplo da Santíssima Trindade

Padre Bernard Koch, cm

Notes

1 (SV, XIII, 198),

2 (SV, XIII, 260).

3 (SV, XI 146).

4 (27 de maio de 1655, SV, XI, 184, e 18 de outubro de 1656, XI, 356)

5 (sem data, SV, XI, 89).

6 SV, XII, 372.

O “puro amor” em São Vicente e Santa Luísa

INTRODUÇÃO HISTÓRICA

Não é fácil saber em quem o Padre Vicente e a Mademoiselle Legras, Luísa de Marillac, se inspiravam sobre este termo e este ensinamento. Muitos autores contemporâneos tinham publicado livros sobre esta doutrina do amor de Deus desinteressado, mas o termo, sem dúvida, veio do Bispo de Belley, amigo de São Francisco de Sales e diretor espiritual de Santa Luísa, durante muitos anos.

É importante esclarecer o contexto em que viviam e relembrar brevemente tudo o que foi desenvolvido ao longo do século.

Encontramos a exortação ao amor desinteressado, sem as palavras “amor puro”, a partir do Novo Testamento. Jesus nos convida e exorta para não imitar aqueles que rezam ou dão esmolas para serem vistos e admirados (Mt 6, 1, 5; 23, 5; Jo 12, 25).

Esses ensinamentos são lembrados por diversos Padres da Igreja: o amor por interesse não é um amor verdadeiro. Amar a Deus e ao próximo em vista da recompensa, não é amar verdadeiramente, nem a Deus, nem ao próximo, mas a si mesmo. Citamos, entre muitos outros:

São Gregório de Nissa, em suas Homilias sobre o Cântico dos Cânticos:

“Aquele que corre em sua alma para ascender à perfeição...despreza em si as recompensas, para não parecer encontrar a recompensa mais valiosa do que aquele que dá o salário”¹.

Santo AGOSTINHO em seus Comentários sobre os Salmos:

*“Embora amemos a Deus gratuitamente, não lhe pedimos outra recompensa. Aquele que pede uma outra recompensa que não seja Deus, e quer servir a Deus por ela, dá mais valor ao que quer receber do que Àquele de quem ele quer receber. O que é isso, então? Não existe nenhuma recompensa de Deus? Nenhuma, exceto, ele mesmo. A recompensa de Deus é o próprio Deus”*²

*“Isto, é amar gratuitamente, não para receber uma recompensa proposta, porque tua suprema recompensa será o próprio Deus que tu amas gratuitamente”*³.

Após os Padres da Igreja isto foi retomado por muitos outros autores espirituais e teólogos da Idade Média.

São BERNARDO, em seu *Tratado do Amor de Deus*, e ao longo de seus *Comentários do Cântico dos Cânticos*, e Santa CATARINA DE SENA, em suas cartas não cessam de suplicar a renúncia do amor de si, do amor próprio.

Já existia então, um problema, quanto ao Puro Amor. Para muitos, se amassem algum objeto, seria para o nosso próprio bem, portanto, Deus por recompensa. No entanto, seria impossível ou desumano amar a Deus, sem este desejo.

São TOMAS DE AQUINO resume suas posições em sua Suma Teológica, Secunda Secundae, Questão 26, artigo 3, “*pela virtude da caridade, deve o homem amar mais a Deus que a si próprio?*” e na 2ª objeção: “*o que amamos é amado por causa do bem que está nele, o motivo que nos faz amar algo é portanto, mais amado do que o que amamos. O homem ama portanto, mais seu próprio bem que Deus: não amamos a Deus, senão a nós mesmos*”. Ele responde que amamos um bem porque nos convêm, mas como somos apenas uma parte dependente de um todo, é em última análise, nós mesmos que devemos nos dar a Deus. Além do mais, desejar usufruir de Deus é amá-LO com um amor de concupiscência, para o nosso prazer. Mas, devemos amar a Deus por amizade, por sua alegria, mais do que para nos beneficiarmos. Na verdade, é através da virtude da caridade que amamos a Deus, mais do que nós mesmos. Amar pela recompensa é bastante egoísta, a graça nos conduz para o alto.

Os grandes místicos do século XVI, JOÃO DE ÁVILA, TERESA DE ÁVILA, JOÃO DA CRUZ insistiram muito sobre a necessidade de purificação de toda busca pessoal, para poder amar a Deus em verdade e nos unir à Ele.

Chegamos a São FRANCISCO DE SALES que trata inicialmente em sua *Introdução à vida devota*, em 1609 e depois e sobretudo, nos dois grandes tomos de seu *Tratado do amor de Deus*, em 1616.

Em seguida, seu grande amigo Dom **JEAN-PIERRE CAMUS**, Bispo de Belley (sobrinho de Antoinette Camus, madrastra de Santa Luísa e segunda esposa de Luís de Marillac de Ferrières, pai de Luísa de Marillac, nascida de uma mãe desconhecida), é um escritor prolífico, em todas as áreas, desde romances à escritos de vida espiritual, que contam 115 títulos, em 6 grandes páginas de grande formato, em letras pequenas, de 1619 à 1652, num total de 217 obras.

Foi mais tarde que ele escreveu “a pura dileção”, sobre o puro amor, cujo termo fará escola. Primeiro “*Da pura dileção*” em 1632, depois, para responder aos ataques do jesuíta Antoine Sirmond, ele escreveu em 1640 “*A defesa do puro amor contra os ataques do amor próprio*”. Em 1641 escreveu “*A Caritée, ou o retrato da verdadeira caridade, história devota baseada na vida de São Luís*”, puro amor de Deus e do próximo, sem busca pessoal.

No mesmo ano de 1641, surge “*O espírito de São Francisco de Sales*”, em 6 volumes, uma coleção de memórias de sua vida e das palavras frequentes em suas interlocuções. É provável que ele tenha preparado este volumoso tratado da vida espiritual durante um longo tempo, e que tenha publicado em vista desta controvérsia, pois desde a primeira parte, o assunto da caridade é retomado muitas vezes.

Estou inclinado a pensar que Santa Luísa, (a primeira a empregar a expressão “puro amor” nos escritos que nos restaram), e São Vicente alimentaram-se da leitura dos Padres e de muitos autores espirituais, tendo a expressão do “puro amor” e sua doutrina, do amigo de São Francisco de Sales, Dom Camus (Diretor de Luísa, antes de 1620). Resta-nos apenas 10 destas cartas à Luísa, entre as quais a de 16 de julho de 1625, onde ele acrescenta no final: “eu esqueceria a virtuosa viúva, a senhora Marillac?” (Antoinette Camus), o que demonstra sua relação profunda.

Os textos de Santa Luísa e de São Vicente, por sua brevidade, são tão valiosos como os escritos mais desenvolvidos dos místicos, como: SÃO JOÃO DA CRUZ e TERESA DE ÁVILA, citada por São Vicente, que tinha suas obras, em espanhol, no princípio das edições.

A CORRENTE ANTI-MÍSTICA

Os escritos de Jean Pierre CAMUS vieram após os de BÉRULLE e de muitos outros, e assim como eles, foram combatidos pelos adversários da mística que pregavam unicamente a ascese ou a simples prática moral, em vista da recompensa dada por Deus.

CAMUS foi atacado particularmente pelo jesuíta Antoine SIRMOND, e as trocas de publicações, até de panfletos constituíram a primeira “Querela do Puro Amor”.

Não foi a primeira vez que os místicos foram atacados e confundidos com místicos exaltados ou deturpadores.

Já na corrente franciscana, no século XIII, existia os “Espirituais” blasfemos e inescrupulosos, deploráveis, que traziam a suposta heresia dos equilibrados.

A partir do século XVI, os ataques contra os excessos dos iluminados, seguidos de acusações de quietismo, atingiriam também os místicos, dentre os quais, SÃO JOÃO DA CRUZ.

Ainda no século XVI, a Espanha teve seus “iluminados”, certamente condenáveis, chegando-se ao ponto de suspeitar e perseguir a João de Ávila, Teresa de Ávila e João da Cruz, que também foram tratados como “iluminados”.

No tempo de Vicente e de Luísa, encontramos novamente os “iluminados”, por exemplo: os “guérinets” e “guérinettes” de Pierre Guérin, pároco de Roye, na Picardia, que tinha instituído em 1625, uma escola de meninas dirigida por algumas mulheres. A partir de 1630, ele foi acusado de “iluminista”, em particular, por Richelieu, porém ao final terminou absolvido.

Por causa do serviço dos pobres São Vicente e Santa Luísa tiveram a sorte de serem respeitados e isto limitava os ricos de motins, que as vezes surgiam, da Normandia à Gascona, onde os vicentinos não atuavam. Vicente era útil para Richelieu, pois, não é de hoje que a política está atrelada aos religiosos...

Pouco tempo depois, após a morte de Luísa e de Vicente, houve conflitos bem mais graves e dolorosos, contra **Miguel de Molinos**, espanhol estabelecido em Roma, acusado de Quietismo, ou seja, de ensinar que, no momento em que estamos unidos a Deus, do profundo do coração, pelo amor e a contemplação, o corpo pode fazer qualquer coisa, que a alma não tem aí parte. Isto era distorcer o verdadeiro sentido do que se dizia e se escrevia. Ele foi acusado de dormir com dirigidas e em 1685 chegaram à detê-lo. Em 1687 foi condenado a prisão perpétua.

Um caso análogo aconteceu na França contra os escritos de **FÉNELON**, Bispo de Cambrai, que também, aspirava o desapego completo de si mesmo para amar pura e gratuitamente; e contra os escritos de **Madame GUYON**, sua dirigida, com um estilo as vezes um pouco exaltado, mas sempre relacionado com a Sagrada Escritura e os Padres da Igreja. *As Torrentes espirituais*, por exemplo, título inspirado por sua admiração pelas torrentes dos Alpes, são comentários Proféticos. Ela não estudou a Teologia, mas assimilou muito bem os autores espirituais. Foi durante muito tempo apreciada pela Madame de Maintenon, diretora do pensionato de Saint-Cyr, que fundara em 1686 com Luis XIV. Este pensionato era animado por religiosas, fundadas para isto, e Madame Guyon, seguindo ela mesma os pensamentos de Fénelon, infundia este espírito do puro amor e do abandono a Providência.

Na correspondência entre a Madame Guyon e Fénelon, nem sempre é fácil ver quem é o diretor espiritual do outro. É frequente, como entre outros, que os conselhos sejam mútuos, assim como foi entre São Vicente e Santa Luísa, e Santa Joana de Chantal.

Algumas religiosas, utilizando-se destes pensamentos de maneira imprudente, criticaram as diretivas mais ascéticas da Madame de Maintenon e do pároco, Godet des Marais, Bispo de Chartres. Era aparentemente, uma espécie de disputa, como acontece em toda comunidade e família, no entanto, para Madame de Maintenon era um ataque à sua autoridade. Finalmente, Madame de Maintenon fez Bossuet, que procurava os favores do rei, entrar na baralha. Ele foi o mais rigoroso contra Fénelon e Madame Guyon, assistido por De Noailles, recente Arcebispo de Paris.

BOSSUET rejeitava o amor puro, desinteressado, gratuito, para pregar o amor de Deus pela recompensa, para a nossa salvação.

É preciso saber também que a rivalidade entre **BOSSUET**, depois **DE NOAILLES** contra **FÉNELON** não era somente doutrinal, sobre uma moral baseada na recompensa contra o amor desinteressado, ela era mais terrena, realmente muito interessada. Bossuet fez de tudo para suplantear Fénelon junto à Madame de Maintenon, de Saint-Cyr e da Corte. Aproveitou o pretexto da presença da Madame GUYON para afastar Fénelon de Luís XIV e assim, assumir o lugar de preceptor do neto do Rei; história sombria. O sobrinho de BOSSUET, o abade BOSSUET, estabelecido em Roma, chegou até ao ponto de, junto ao Papa, acusar FÉNELON, de dormir com a Madame GUYON. Como no Antigo testamento, a história da Igreja nem sempre é edificante.

Eles conseguiram afastar FÉNELON fazendo com que fosse nomeado Bispo de Cambrai. Abriram contra ele e Madame Guyon um longo processo, acusando-os de “quietismo”.

Madame GUYON foi confinada durante seis meses no convento da Visitação em 1688, depois liberada. Em 1689, seu livro, *O curto meio* é colocado no Índice (lista de livros proibidos), e em 1695, ela foi novamente confinada, na Bastilha.

Para se defender e defendê-la, FÉNELON publica *As máximas dos santos*, em 1697. O Rei Luís XIV decreta a prisão domiciliar em sua diocese. Depois com a ajuda de BOSSUET, ele consegue fazer com que o Papa Inocêncio XII, em 1699, condene *As máximas dos santos*, mesmo se estas eram citações autênticas dos Padres da Igreja, tal como SÃO GREGÓRIO, O GRANDE, que já pregava o amor totalmente desinteressado.

Bossuet mostrou-se particularmente odioso, de má fé, usando-se de procedimentos condenáveis e de atitudes de intimidação, tentando colocar Godet des Maris, na mesma linha, a qual repugnava...

Em 1703 Madame GUYON foi libertada da Bastilha e BOSSUET faleceu em 1704. FÉNELON, que há anos, não se correspondia com Madame Guyon, escreve-lhe ainda uma vez, em 1710. Ele morreu em 1715 e Madame Guyon em 1717, não tendo nunca mais se encontrado.

Ao mesmo tempo, houve uma discussão jansenista que foi agravada também, por estar igualmente, atrelada com a política, que dividia ainda mais a Igreja na França.

Em outras palavras, a influência de Bérulle, Vicente de Paulo, João Eudes, Jean Jacques Olier, não durou muito tempo.

Será preciso um século para que a vida espiritual se torne verdadeiramente viva, profunda e fecunda. Haverá muitos outros autores e alguns santos como São Luís Maria Grignon de MONTFORT, cuja influência não foi tão grande em seu tempo. Suas duas obras fundamentais: *O Amor da Sabedoria eterna e o Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria*, só foram publicados no século XIX, muito tempo depois de sua morte.

Posteriormente, no século XIX, alguns autores se inspiraram em Fénelon, como nos apresenta Sabine MELCHIOR-BONNET. As frases que ela cita de STENDHAL poderão nos servir de conclusão, fazendo delas as nossas, começando pela página 427 de seu Fénelon:

“É preciso somente a fé para ter medo das frases de Bossuet, é necessário a alma para provar Fénelon”.

E na página 428, podemos compreender a atmosfera deste período, nesta frase das últimas páginas do *diário de STENDHAL*:

“Se Madalena e Maria, as amigas de Jesus Cristo, tivessem vivido no tempo de Luís XIV, teriam sido enviadas para a Bastilha”.

Poderíamos dizer o mesmo de São Vicente e Santa Luísa se eles tivessem vivido mais tempo sob o reinado de Luís XIV...

Os ataques contra os místicos e o amor puro continuaram até o século XX, como por exemplo, em 1930, com o famoso ataque do teólogo luterano, sueco, ANDERS NYGREN, em *Eros e Ágape*, que foi traduzido para o francês e editado por Aubier-Montaigne, em 1962: *Eros e Ágape, a noção cristã do amor e suas transformações*.

SÃO PAULO teria oposto a aspiração mística Eros, designando-a para as coisas do alto, para subir até Deus, o verdadeiro bem; e Ágape como sendo a descida de Deus para o homem, através da Encarnação e da Cruz, para salvar a humanidade, sem outra resposta senão, a pura fé. NYGREN pretendia que São PAULO já tivesse estabelecido esta doutrina de oposição entre os dois, sendo o Ágape, a caridade, enquanto cristã, união com sentimento de amor, e o Eros, uma intromissão do paganismo grego nas OBRAS DE ORIGINES e do PSEUDO-DIONÍSIO.

Porém, não é verdade que São PAULO tenha oposto os dois. A verdade é que ele não empregou a palavra Eros, mas proclamou seu amor efetivo por Jesus: *“para mim viver é Cristo”* (Fl 1, 21). Sabemos o quanto Jesus fala do amor afetivo e, em seu seguimento, *“o discípulo que Jesus amava”*. O grande mandamento é, muitas vezes, ampliado para *“amaras o teu próximo como a ti mesmo”* (Mt 12, 19; 22, 39; Mc 12, 31; Rm 13, 9; Gal 5, 14; Tg 2, 8). Como ousar afirmar que a Escritura opõe aos dois amores?

Por outro lado, em sua querela contra Fénelon, Bossuet rejeitará o amor puro, desinteressado, gratuito, para pregar unicamente o Amor de Deus pela recompensa, para nossa salvação. São Vicente e Santa Luísa souberam manter a síntese dos dois.

Padre Bernard Koch, cm

Nota:

¹ *In Canticum Canticorum homiliae*, 1. Enchiridion Patristicum, n° 330.

¹ *In Psalmum 71*, n° 32, sobre o versículo 26, Enchiridion Patristicum, n° 1474

¹ *In Psalmum 134*, n° 11. Enchiridion Patristicum, n° 1491

Índice geral 2011

VIDA ESPIRITUAL

• SUPERIORES GERAIS

PADRE GREGORY GAY

Cartas

| | | |
|---|----------------|-----|
| • Conferência de 1º de janeiro de 2011- Casa-Mãe..... | jan.-fevereiro | 6 |
| • Quaresma 2011..... | março-abril | 76 |
| • Conferência de 25 de março de 2011 - Casa-Mãe..... | março-abril | 94 |
| • Carta de 19 de julho de 2011..... | set.-outubro | 448 |
| • Carta do Advento de 2011..... | nov.-dezembro | 502 |

MÈRE EVELYNE FRANC

Cartas

| | | |
|---|----------------|-----|
| • Carta de 1º de janeiro de 2011..... | jan.-fevereiro | 2 |
| • Carta de 2 de fevereiro de 2011..... | jan.-fevereiro | 12 |
| • Carta de 22 de fevereiro de 2011..... | março-abril | 74 |
| • Carta de 14 de março de 2011..... | março-abril | 82 |
| • Carta de 31 de maio de 2011..... | set.-outubro | 426 |
| • Carta de 15 de agosto de 2011..... | set.-outubro | 430 |
| • Carta de 26 de novembro de 2011..... | nov.-dezembro | 498 |

Seminarium

| | | |
|--------------------------------------|--------------|-----|
| • Abertura do Seminarium..... | maio-junho | 148 |
| • Os desafios da formação, hoje..... | maio-junho | 226 |
| • Encerramento do Seminarium..... | julho-agosto | 419 |

Visitas

| | | |
|--|----------------|-----|
| • Visita à Província do Paraguai, em 28 de julho de 2010 Uma Irmã da Província..... | jan.-fevereiro | 30 |
| • Visita à Província da Eslováquia, 20 de agosto de 2010 As Irmãs de Nijnij Tagil..... | jan.-fevereiro | 32 |
| • Visita ao Cazaquistão (Província de Chelmno), 28 de julho de 2010 As Filhas da Caridade do Cazaquistão..... | jan.-fevereiro | 36 |
| • Visita à Província de Roma, 30 de janeiro 2011 Irmã Amélia Cicconofri, Filha da Caridade..... | set.-outubro | 456 |

PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL

Carta

| | | |
|------------------------------------|--------------|-----|
| • Carta de 6 de abril de 2011..... | set.-outubro | 433 |
|------------------------------------|--------------|-----|

Conferências

| | | |
|--|---------------|-----|
| • Retiro preparatório para a Renovação: <i>O significado do “sim”</i> | março-abril | 83 |
| • A devoção à Maria na Companhia..... | set.-outubro | 435 |
| • A hospitalidade e o acolhimento na Bíblia..... | nov.-dezembro | 507 |
| • “Partir de Cristo”, Meditação sobre a vida consagrada Dia de retiro espiritual de fim de ano..... | nov.-dezembro | 519 |

Seminarium

| | | |
|--|------------|-----|
| • A Virgem Maria e a formação Padre Patrick Griffin, Diretor geral..... | maio-junho | 237 |
| • O Espírito Santo e sua missão na formação Padre Patrick Griffin, Diretor geral..... | maio-junho | 249 |

OUTROS INTERVENTORES

| | | |
|--|-------------------|----|
| • Como se deixar transformar pelo Espírito Padre Yves Danjou, cm..... | março-abril | 98 |
| • Com Maria da Anunciação, acolher o Espírito Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade..... | janeiro-fevereiro | 23 |

SEMINARIUM

| | | |
|---|--------------|-----|
| • Breve relato do Encontro Internacional das diretoras Do Seminário | maio-junho | 146 |
| • Abertura do Seminarium Irmã Evelyne Franc, Superiora geral..... | maio-junho | 148 |
| • O contexto sociocultural e sua influência na formação Padre François Bousquet, Vice Reitor de pesquisa no Instituto Católico de Paris | maio-junho | 155 |
| • Questões morais e atuais. A formação da consciência Catherine Fino, Salesiana Dom Bosco..... | maio-junho | 164 |
| • “A verdade vos libertará” (Jo 8, 32) Padre Amadeo Cencini, Canossiano..... | maio-junho | 178 |
| • A formação para a liberdade afetiva Padre Amadeo Cencini, Canossiano..... | maio-junho | 193 |
| • Os desafios na formação, hoje Irmã Evelyne Franc, Superiora geral | maio-junho | 226 |
| • A Virgem Maria e a formação Padre Patrick Griffin, Diretor geral | maio-junho | 237 |
| • O Espírito Santo e seu papel na formação Padre Patrick Griffin, Diretor geral | maio-junho | 249 |
| • A história da Companhia : origens e desenvolvimento Matthieu Brejon, historiador..... | maio-junho | 264 |
| • São Vicente e a Formação Padre Jean-Pierre Renouard, cm | julho-agosto | 290 |
| • Santa Luísa e a formação Padre Bénito Martinez, cm | julho-agosto | 306 |
| • A Comunidade, lugar de formação - Uma Comunidade enraizada em Cristo - Uma Comunidade de servas - Uma Comunidade para viver a missão na Igreja Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade | julho-agosto | 331 |
| • Identidade das Filhas da Caridade Padre Fernando Quintano, cm | julho-agosto | 366 |
| • Os votos segundo o espírito específico das Filhas da Caridade Padre Fernando Quintano, cm | julho-agosto | 378 |
| • O discernimento evangélico Padre Gabriel Naranjo, cm | julho-agosto | 395 |
| • A formação para a vida apostólica : o serviço de Cristo nos pobres Padre Gabriel Naranjo, cm | julho-agosto | 407 |
| • Encerramento do Seminarium: Envio Irmã Evelyne Franc, Superiora geral | julho-agosto | 419 |

DESAFIOS ATUAIS

Hoje, com os Fundadores

| | | |
|---|----------------|-----|
| • Província da Tailândia A Comunidade de Mae Sot na fronteira da Tailândia e de Myanmar (Birmânia) Irmã Teresa F. Balais, Filha da Caridade..... | jan.-fevereiro | 25 |
| • Província de Los Altos Hills (EUA) Curso de Adultos: um serviço de proximidade da escola católica São Vicente de Paulo em Phoenix, no Estado do Arizona Irmã Patrícia Calica, Filha da Caridade..... | março-abril | 110 |
| • Província de Albany Nova Iorque Um futuro pleno de esperança Irmã Mary Francis Martin, Filha da Caridade..... | set.-outubro | 450 |
| • Província do Peru A alegria da “Visitação” em nossas vidas Irmã Reyna e as Irmãs da Comunidade de Cajamarca | nov.-dezembro | 534 |

ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS

• DESIGNAÇÃO DAS VISITADORAS E NOMEAÇÃO DOS DIRETORES

Visitadoras

| | | |
|-------------------|-------------|-----|
| • Etiópia | março-abril | 118 |
| • Madagascar..... | março-abril | 118 |

| | | |
|--------------------------------|--------------|-----|
| • Equador | março-abril | 118 |
| • Santa Luísa - EUA..... | set.-outubro | 454 |
| • Colônia - Países Baixos..... | set.-outubro | 454 |
| • Próximo - Oriente..... | set.-outubro | 454 |

Diretores

| | | |
|--------------------------------|--------------|-----|
| • Porto Rico..... | março-abril | 118 |
| • América Central..... | março-abril | 119 |
| • Portugal | março-abril | 119 |
| • África Central | março-abril | 119 |
| • Tailândia | março-abril | 119 |
| • São Sebastião | março-abril | 119 |
| • Amazônia..... | março-abril | 119 |
| • Irlanda | set.-outubro | 454 |
| • Colônia - Países Baixos..... | set.-outubro | 455 |
| • Haiti..... | set.-outubro | 455 |
| • Belo Horizonte | set.-outubro | 455 |
| • Filipinas | set.-outubro | 455 |
| • Santa Luísa - EUA..... | set.-outubro | 455 |
| • Cali | set.-outubro | 455 |
| • Curitiba | set.-outubro | 455 |
| • Austrália | set.-outubro | 455 |
| • Fortaleza | set.-outubro | 455 |

• VIDA DAS PROVÍNCIAS

ÁFRICA

| | | |
|--|--------------|-----|
| • 6º Encontro dos Conselhos provinciais da África e de Madagascar em Kigali, Ruanda Irmã Medhin Tesafy, Filha da Caridade | set.-outubro | 462 |
|--|--------------|-----|

África Central

| | | |
|--|-------------|-----|
| • Nomeação do Diretor provincial | março-abril | 119 |
|--|-------------|-----|

Etiópia

| | | |
|----------------------------------|-------------|-----|
| • Designação da Visitadora | março-abril | 118 |
|----------------------------------|-------------|-----|

Madagascar

| | | |
|----------------------------------|-------------|-----|
| • Designação da Visitadora | março-abril | 118 |
|----------------------------------|-------------|-----|

AMÉRICA DO NORTE

Albany- Nova Iorque

| | | |
|--|--------------|-----|
| • Um futuro pleno de esperança Irmã Mary Francis Martin, Filha da Caridade..... | set.-outubro | 450 |
|--|--------------|-----|

Los Altos Hills

| | | |
|--|-------------|-----|
| • Curso de Adultos: um serviço de proximidade da escola católica São Vicente de Paulo em Phoenix, no Estado do Arizona Irmã Patrícia Caliça, Filha da Caridade..... | março-abril | 110 |
|--|-------------|-----|

Santa Luísa - EUA

| | | |
|--|--------------|-----|
| • Nova Província Santa Luísa - EUA <i>Notícias breves</i> | set.-outubro | 473 |
| • Designação da Visitadora | set.-outubro | 454 |
| • Nomeação do Diretor provincial | set.-outubro | 455 |

AMÉRICA LATINA

| | | |
|--|--------------|-----|
| • Encontro dos Conselhos provinciais da América Latina na Guatemala Irmã Medhin Tesafy, Filha da Caridade | set.-outubro | 458 |
|--|--------------|-----|

América Central

| | | |
|--|-------------|-----|
| • Nomeação do Diretor provincial | março-abril | 119 |
|--|-------------|-----|

Brasil

Amazônia

| | | |
|--|-------------|-----|
| • Nomeação do Diretor provincial | março-abril | 119 |
|--|-------------|-----|

| | | |
|---|-------------------|-----|
| Belo Horizonte | | |
| • Nomeação do Diretor provincial | set.-outubro | 455 |
| Curitiba | | |
| • Nomeação do Diretor provincial | set.-outubro | 455 |
| Fortaleza | | |
| • Nomeação do Diretor provincial | set.-outubro | 455 |
| Colômbia | | |
| Cali | | |
| • Renomeação do Diretor provincial | set.-outubro | 455 |
| Equador | | |
| • A cruz do cavaleiro da Legião de Honra | | |
| Irmã Teresita Duvignau, Filha da Caridade..... | janeiro-fevereiro | 40 |
| • Renomeação para um segundo mandato de três anos de Visitadora.... | março-abril | 118 |
| Haiti | | |
| • A serviço dos doentes de cólera | | |
| Irmãs da Província | março-abril | 120 |
| • Nomeação do Diretor provincial | set.-outubro | 455 |
| Paraguai | | |
| • Visita de Mãe Evelyne Franc e Irmã Iliana Suarez, Conselheira Geral, 28 de julho 2010 | | |
| Uma Irmã da Província | janeiro-fevereiro | 30 |
| Peru | | |
| • A Alegria da “Visitação” em nossas vidas | | |
| Irmã Reyna e as Irmãs da Comunidade de Cajamarca..... | nov.-dezembro | 534 |
| Porto Rico | | |
| • Nomeação do Diretor provincial | março-abril | 118 |
| ÁSIA | | |
| Japão | | |
| • Após o terremoto de 11 de março de 2011: Fundação de Apoio às vítimas da catástrofe | | |
| Irmã Janet Nunogami, Filha da Caridade..... | nov.-dezembro | 538 |
| Próximo - Oriente | | |
| • Designação da Visitadora | set.-outubro | 454 |
| Filipinas | | |
| • Nomeação do Diretor Provincial..... | set.-outubro | 455 |
| Tailândia | | |
| • A Comunidade de Mae Sot na fronteira da Tailândia e de Myanmar (Birmânia) | | |
| Irmã Teresa F. Balais, Filha da Caridade..... | jan.-fevereiro | 25 |
| • Nomeação do Diretor Provincial | março-abril | 119 |
| EUROPA | | |
| Colônia - Países Baixos | | |
| • Nova Província Colônia - Países Baixos | | |
| <i>Notícias breves..</i> | set.-outubro | 472 |
| • Designação da Visitadora | set.-outubro | 454 |
| • Nomeação do Diretor provincial | set.-outubro | 455 |
| Espanha | | |
| São Sebastião | | |
| • Nomeação do Diretor provincial | março-abril | 119 |
| França | | |
| França - Norte | | |
| • Filha da Caridade no centro de um bairro | | |
| Irmã Marie-Pierre Defay, Filha da Caridade | março-abril | 127 |

| | | |
|---|----------------|-----|
| Irlanda | | |
| • Nomeação do Diretor provincial..... | set.-outubro | 454 |
| Itália | | |
| <i>Roma</i> | | |
| • Visita da Irmã Evelyne Franc e Irmã Rosa Maria Napolitano, Conselheira geral, 30 de janeiro de 2011 Irmã Amélia Cicconofri, Filha da Caridade..... | set.-outubro | 456 |
| • As asas da Caridade <i>Notícias breves.</i> | set.-outubro | 472 |
| <i>Sardenha</i> | | |
| • Centro de acolhimento São Vicente Irmã Anna Cogoni, Filha da Caridade..... | nov.-dezembro | 544 |
| Portugal | | |
| • Nomeação do Diretor provincial..... | set.-outubro | 454 |
| Polônia | | |
| <i>Chelmno</i> | | |
| • Visita ao Cazaquistão da Irmã Evelyne Franc e Irmã Zofia Daniscakova, Conselheira geral, 24-28 de agosto de 2010 Filhas da Caridade do Cazaquistão | jan.-fevereiro | 36 |
| Quase-Província | | |
| • Bem-aventurado Servo de Deus Vladimir Ghika Dom Roku | março-abril | 123 |
| Eslováquia | | |
| • Visita da Irmã Evelyne Franc e Irmã Zofia Daniscakova, Conselheira geral, de 20 a 23 de Agosto de 2010..... | jan.-fevereiro | 32 |
| • Há 150 anos, as primeiras Filhas da Caridade chegaram em Nitra Irmãs da Província | set.-outubro | 465 |
| OCEANIA | | |
| Austrália | | |
| • Nomeação do Diretor provincial | set.-outubro | 455 |
| ONU | | |
| • Comissão para o desenvolvimento social em colaboração com a ONU e as ONGs..... | set.-outubro | 468 |
| • 64º Conferência anual das Nações Unidas DPI/ONG <i>Notícias breves</i> | set.-outubro | 473 |
| BEATIFICAÇÃO | | |
| • Margarida Rutan! A Palavra de Deus, luz e força em sua vida Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade..... | março-abril | 131 |
| • De 17 a 20 de junho de 2011- 4 dias para beber na fonte de fé de Margarida Rutan Irmãs Marie-Pascale, Marie-Cécile, Anne, Filhas da Caridade..... | set.-outubro | 474 |
| • “Não buscava nem poder, nem dinheiro, nem fama, mas somente acolher o amor e difundí-lo” Cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos | set.-outubro | 482 |
| • Margarida Rutan, uma santidade comum Padre Patrick Griffin, Diretor geral..... | set.-outubro | 484 |
| • As Filhas da Caridade durante a Revolução francesa Irmã Elisabeth Charpy, Filha da Caridade | set.-outubro | 488 |

HISTÓRIA DA COMPANHIA

- Luísa de Marillac, formadora dos leigos
Irmã Maria Angeles Infante, Filha da Caridade..... jan.- fevereiro 42
- A encarnação e o Natal com São Vicente
Padre Bernard Koch, cm nov. - dezembro 547
- O “puro amor” em São Vicente e Santa Luísa
Padre Bernard Koch, cm nov. - dezembro 553